ESPECIAL

PLACAR

O FUTEBOL DEPOIS DA PANDEMIA

FINANÇAS
O coronavírus não é desculpa para o retrocesso esportivo (e econômico) de Cruzeiro e São Paulo

VAI QUEBRAR?
PLACAR lança índice que medirá a qualidade da gestão dos clubes brasileiros

SAÚDE
O que podemos aprender com a retomada segura das partidas na Alemanha (e não ser uma Bielorrússia)

ENSAIO
A transformação do histórico Pacaembu em hospital de campanha contra a Covid-19

NEYMAR
O craque que sonhava fazer de 2020 o ano de sua redenção pode ver o vírus atrapalhar seus planos

“EU TENHO UM SONHO”

Poucas vezes, na história do esporte, houve mistura tão evidente dos profissionais dos campos, das quadras e das pistas com o cotidiano político e social. Em maio, depois do assassinato de um negro, George Floyd, por um policial branco, em Minneapolis, nos Estados Unidos, uma onda de protestos se espalhou pelo mundo — e chegou ao futebol, nas comemorações dos gols feitos em partidas sem público, em decorrência da pandemia, e nas sessões de treinamentos realizadas com o devido distanciamento social. Repetiu-se, em forma de contágio, o gesto de ajoelhar-se, como fez o jogador de futebol americano Colin Kaepernick em 2016, durante a execução do hino americano, ao revelar desconforto com a violência racista desdenhada por Donald Trump. “Não consigo respirar”, a última frase de Floyd, asfixiado pelo joelho do guarda, ecoou o “Eu tenho um sonho” de Martin Luther King, como anotou Roberto Pompeu de Toledo em VEJA *(em sua coluna de 10 de junho).* No Brasil, onde os casos de Covid-19 batem tristes recordes e o o presidente Jair Bolsonaro ainda trata o surto como mera “gripezinha”, irresponsavelmente, coube a parte das torcidas organizadas dos times de futebol sair às ruas, de máscaras, pedindo manutenção da democracia e respeito à saúde pública. Não que todas as agremiações de torcedores sejam bons exemplos de civilidade — e, como em tudo na sociedade, há sensatos e insensatos —, mas as passeatas ecoaram, de algum modo, movimentos como o da Democracia Corinthiana, deflagrada na véspera da campanha das “Diretas já”, no início dos anos 1980.

FERNANDO BIZERRA/EFE

NICOLAS CENTINI

O protesto das torcidas uniformizadas e a dupla de PLACAR, o repórter Luiz Felipe Castro *(à esq.)* e o repórter fotográfico Egberto Nogueira, no Pacaembu, transformado em hospital: não há como isolar o esporte do cotidiano

É bom que o esporte dê as mãos para a política, e esse é um dos legados do terrível momento a que a humanidade foi submetida, com a disseminação do novo coronavírus. É um avanço, evidente constatação de que o futebol, por exemplo, não pode ser apenas o “ópio do povo”, para lembrar uma máxima um tanto batida. Não há no Brasil, hoje, sinal mais nítido da aproximação entre os dois mundos do

que a transformação do lendário Estádio do Pacaembu, agora controlado pela iniciativa privada, em hospital de campanha. É a triste e urgente lembrança de que, mesmo com a imensa vontade de retomada dos jogos (que saudade!) e as pressões financeiras, o que vem em primeiro lugar é a saúde. O repórter Luiz Felipe Castro e o repórter fotográfico Egberto Nogueira permaneceram cinco horas nas instalações do velho templo da bola para registrar o cotidiano dos heróis de jaleco, que momentaneamente substituem os gigantes de chuteiras. Diz Castro: "O ambiente é menos carregado do que eu imaginava, provavelmente por não ter pacientes em estado grave, por haver alta para muitos curados. E ainda se respira o ar do futebol, os rituais de outro tempo, com gente de branco circulando pelos vestiários, passando pelos túneis que dão acesso ao gramado". Esta edição especial de PLACAR pretende manter a vigília pela responsabilidade, sem pressa para reiniciar o que ainda não pode ser reiniciado, mas com o otimismo dos pacientes que, ao deixarem o Pacaembu pelo portão principal, são recebidos pelos familiares com festa e flores — como se tivessem marcado um gol de Pelé. É o caso de repetir Luther King: "Eu tenho um sonho". ■

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 veja.abril.com.br/placar

 placar@abril.com.br

SUMÁRIO

MARTIN MEISSNER/REUTERS

De papelão: torcida falsa nos estádios alemães vazios

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS THEPALMER/GETTY IMAGES E FREEPIK

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras**: Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto, Thais Anes Revelles **Editor de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli e Egberto Nogueira (fotografia); Arnaldo Ribeiro, Claudio Henrique, Danilo Monteiro, Fábio Aleixo, Gabriel Grossi, Guilherme Piu, Moreno Bastos e Olga Bagatini (texto); Oberdan Machado (ilustração)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento) DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO Andrea Abelleira PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 464 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

PANDEMIA DE MACHISMO

Virou moda pôr figuras de papelão nas arquibancadas vazias, como se fossem torcedores. Os cartolas do FC Seoul, da Coreia do Sul, quiseram ser engraçados e fizeram feio: distribuíram bonecas infláveis, daquelas que são vendidas em sex shops, entre alguns assentos do estádio do clube. Depois, pediram desculpas.

YONHAP/AFP

N SECTOR
북쪽
FC
이
팅

PALMEIRINHA

CAMPO ABERTO AOS SOCORRISTAS

No Brasil, quando o poder público não funciona, o que é muito comum, a sociedade faz girar a roda. Na favela de Paraisópolis, Zona Sul de São Paulo, uma das regiões da metrópole mais atingidas pela Covid-19, os moradores se reuniram com associações locais e ONGs para formar socorristas no combate ao Sars-CoV-2. Durante sucessivos dias, e com o devido distanciamento social, o campo do Palmeirinha virou palco de treinamento e solidariedade — como deve ser no futebol.

FELIX SCHMITT/THE NEW YORK TIMES/FOTOARENA

UM BRADO CONTRA O RACISMO

Em 2016, o jogador da NFL, a liga de futebol americano dos EUA, Colin Kaepernick ajoelhou-se durante a execução do hino americano em protesto à violência contra os negros. A ideia virou marca. Em maio, depois do assassinato do ex-segurança George Floyd, em Minneapolis, o desconforto girou o mundo e, claro, chegou ao futebol — como mostram os jogadores do Liverpool no centro do gramado de Anfield, na famosa pose.

JUAN IGNACIO RONCORONI/EFE

EXIT
5
new balance

UMA DÉCADA PERDI

O clube que já foi o Soberano é o grande paulista há mais tempo em jejum de conquistas. PLACAR elenca os equívocos (políticos, financeiros, estratégicos e esportivos) ao longo dos últimos anos que rebaixaram o São Paulo (se não no campo) no ranking das maiores forças. A interrupção por causa do novo coronavírus foi só a gota d'água

Arnaldo Ribeiro

Daniel Alves foi contratado a peso de ouro com a missão de tirar da fila um clube em crise de identidade

DANIEL VORLEY/AGIF/GAZETA PRESS

Dia 12 de dezembro de 2012. Desde aquela tumultuada noite no Morumbi, quando levantou a taça da Copa Sul-Americana (um torneio "menor", convenhamos), o São Paulo não teve outra conquista para comemorar. Consideradas as disputas de grande relevância, a fila é mais longa: data de dezembro de 2008, ano do tricampeonato brasileiro em sequência, que sinalizava uma distância quase intransponível entre o clube e seus rivais. Ledo engano. O período de seca está próximo do fim? Há algum indicativo de um novo ciclo de vitórias para a terceira maior torcida do país? Conseguir entender e explicar o buraco em que se meteu o São Paulo talvez seja o primeiro passo para tentar responder a essas perguntas.

Antes, porém, façamos uma reconstituição história. A estiagem atual só não é maior que o período entre 1957 e 1970, que correspondeu à construção do Morumbi, à falta de dinheiro e à ausência de troféus. Digamos que aquela fila fosse bem mais "compreensível". O São Paulo viveu outra fase amarga não muito distante. Espécie de outra década perdida. De 1994 a 2005 (objeto também de reportagem de PLACAR à época). Tempo de poucos títulos, enquanto Palmeiras e Corinthians dominavam o cenário futebolístico. Veio então 2005. Um ano mágico, arquitetado a partir dos tropeços e aprendizados de 2003 e 2004. O São Paulo venceu o Paulista, a Libertadores e o Mundial de Clubes pela terceira vez, dando a largada para o incrível tricampeonato brasileiro consecutivo, de 2006 a 2008. O ano do tri mundial marcou também a inauguração do Centro de Treinamento de Cotia, que revela jogadores todos os anos (e sustenta financeiramente o clube hoje em dia).

Podemos dizer aqui, sem medo de errar, que o clube e seus comandantes perderam a mão a partir de 2010, quando a escassez de conquistas era uma ameaça distante. Os ditos diferenciais do time à época — estádio "rentável", centro de treinamento, departamento de fisioterapia e fisiologia, cartolas antenados, astúcia em contratações, jogadores comprometidos — hoje são características comuns aos rivais. Nas mãos do mesmo grupo político há mais de dez anos, o São Paulo foi deixando de vencer, acumulando fracassos também fora de campo. Até a situação financeira, que no passado era motivo de inveja, complicou-se demais, desencadeando uma dependência completa da venda de suas principais promessas antes mesmo de darem retorno no gramado.

Pior, nos últimos tempos, o Morumbi tornou-se um moedor implacável de jogadores, treinadores e até ídolos históricos. Nesta década perdida, que culminou com a paralisação provocada pela pandemia, passaram pelo clube (sem sucesso e nas mais diversas funções) nomes como Muricy Ramalho, Paulo Autuori, Rogério Ceni, Raí, Lugano, Luís Fabiano, Kaká, Hernanes. Uma constelação de referências. "As pessoas se acomodaram um pouco. Pararam um pouco no tempo e ficaram vivendo do passado. Então, os rivais começaram a se preparar, e, quando o São Paulo foi ver, havia ficado para trás. Você não pode se acomodar quando você ganha", diz Muricy Ramalho, o técnico tricampeão brasileiro e o único a completar uma temporada inteira no cargo desde 2010.

Hoje comentarista da Rede Globo, Muricy nunca escondeu sua paixão pelo clube. Sob seu comando, no fim do ano passado, o São Paulo venceu um torneio de veteranos, os "Legends", contra Barcelona, Borussia Dortmund e Bayern

de Munique. O ex-treinador e jogadores históricos do São Paulo levaram a brincadeira a sério e lavaram um pouco a alma do sofrido torcedor que compareceu ao estádio, acompanhou pela TV ou pelas redes sociais do clube.

"O São Paulo tinha uma constante, um alicerce. Era pontual em tudo, parecia um computador. Todo mundo queria jogar aqui, porque era um clube organizado, com estrutura. Aí, quando vai se perdendo, os jogadores já não são os melhores ou não ficam mais por muito tempo. Não se tem mais a tal constância", afirma o volante Hernanes, em tom de diagnóstico. "É uma equação simples de entender, mas complexa de fazer. Começa com organização e estrutura, depois os jogadores, e com a permanência de profissionais de qualidade. O São Paulo está se aproximando de novo disso". O Profeta, como é carinhosamente chamado pela torcida, viveu o período de glórias, voltou para salvar o time do rebaixamento em 2017 e foi recontratado no ano passado com o objetivo principal de tirar o time da fila. "O São Paulo é muito grande para ficar tanto tempo sem títulos", foi o que disse em sua terceira apresentação.

Com seu discurso eloquente, Hernanes não usou o chavão do "detalhe", como adoram justificar os boleiros. Mas é a falta de cuidado com aspectos aparentemente menores que costuma explicar também o jejum de muitos clubes grandes. No ano passado, por exemplo, o Tricolor perdeu uma grande oportunidade na Copa do Brasil, torneio que ainda não conquistou e que oferece atualmente a maior premiação do futebol brasileiro. Fora da Libertadores e com o calendário mais folgado que Palmeiras, Flamengo, Grêmio e Inter, os principais rivais na disputa, o São Paulo pulou ainda as primeiras fases da competição, que costumam aprontar surpresas. Na semana dos confrontos com o Bahia, em vez de se atentar aos tais "detalhes", o clube deu provas de sua incompetência: aumentou o preço dos ingressos para o duelo no Morumbi, o diretor Raí viajou para a França, o técnico Cuca discutiu com alguns dos principais jogadores. O resultado? Nova eliminação e mais prejuízos esportivos e financeiros. Absoluta falta de estratégia. Quem não tem estratégia não sai da fila. Simples assim.

O ano de 2020, o último período da gestão do presidente Carlos Augusto Barros e Silva, o Leco, há meia década no comando do clube, poderia ser, enfim, o da redenção?

MUITOS ERROS, POUCOS ACERTOS

A sucessão de eventos no decorrer dos últimos dez anos explica bem a razão da longa estiagem de taças no Morumbi

2010

■ Eliminado na semifinal da Libertadores pelo Inter.
■ Sai **RICARDO GOMES,** o sucessor de Muricy, substituído de forma efêmera por Sérgio Baresi.
■ Começa a rotatividade sem nexo de treinadores.
■ Os gastos são mais descontrolados que na gestão de Marcelo Portugal Gouvêa.

RENATO PIZZUTTO

2011

■ Mudança no estatuto permite o terceiro mandato consecutivo de **JUVENAL JUVÊNCIO.**
■ O projeto do Morumbi como sede da Copa de 2014 fracassa.
■ A implosão do Clube dos 13 piora as cotas de TV.
■ Futebol fica em segundo plano, mesmo com o retorno de Luís Fabiano.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

2012

■ Sob o comando de Ney Franco, o time faz boa campanha no Brasileiro, a melhor do segundo turno, e conquista a Copa Sul-Americana.
■ Após a venda de **LUCAS,** Paulo Henrique Ganso é contratado.
■ Fica na dependência de uma grande negociação por ano para fechar o caixa.

RENATO PIZZUTTO

2013

■ A maré vira e a equipe é eliminada da Libertadores.
■ Ney Franco entra em conflito com Rogério Ceni e acaba demitido.
■ Paulo Autuori, indicado pelo goleiro, volta. Sem sucesso.
■ Último recurso, **MURICY RAMALHO,** é "convocado" para salvar o time do rebaixamento.

ALEXANDRE SCHNEIDER

2014

■ Candidato único e "presidente-modelo" nos anos 1980, reassume o clube **CARLOS MIGUEL AIDAR.**
■ Kaká chega e o supertime é (apenas) vice no Brasileiro.
■ Muricy completa o ano no comando do time. Só ele conseguiu a façanha na década.

MARCELO SPATAFORA

MARCELO D. SANTS/FRAMEPHOTO/GAZETA PRESS

O presidente Carlos Augusto Barros e Silva, o Leco *(à esq.)*, e seu diretor de futebol, Raí: nos últimos dez anos, o São Paulo conseguiu arranhar a história dos próprios ídolos

Para isso, o São Paulo decidiu manter o treinador (Fernando Diniz), o elenco forte (e caro) de jogadores, postergando a negociação de alguns jovens talentos. Justamente quando o time começava a dar alguns sinais promissores, veio a Covid-19. Leco deve entregar o clube sem títulos e mais endividado — somente em 2019, o déficit nas contas foi de mais de 150 milhões de reais. Um cenário nada promissor. "A questão do São Paulo foi a sua soberba. O apelido Soberano foi a pior coisa que o São Paulo ganhou naquela época. Depois que você está no topo, como é que você lida com a sua eventual queda ou diminuição de potência?", diz o conselheiro Marco Aurélio Cunha, que atuou como médico e dirigente nos tempos polpudos e cuja última passagem pela direção do clube foi na figura de "bombeiro" — foi supervisor, em 2016, com o time ameaçado pelo rebaixamento, já durante a gestão Leco, com quem está rompido. Cunha é o possível candidato da oposição na eleição são-paulina, prevista para os últimos meses do ano. O nome da situação é Julio Casares, que faz parte do atual conselho de administração. O desafio do vencedor será apenas um: não fazer desta década perdida um capítulo maior (e ainda mais vergonhoso) na história do clube paulista. ■

2015

■ Muricy adoece e **JUAN CARLOS OSORIO** inicia sequência de técnicos estrangeiros.
■ O colombiano não suporta as críticas internas e deixa o clube após quatro meses.
■ Depois de trocar sopapos com diretor, Aidar renuncia sob acusação de corrupção.
■ Morre Juvêncio.

ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

2016

■ Carlos Augusto de Barros e Silva, o **LECO,** é oficialmente empossado.
■ Dirigentes e o presidente passam a ser remunerados.
■ Nas mãos de "Patón" Bauza, o clube chega à semi da Libertadores. Mas o argentino abandona o barco tricolor para treinar sua seleção. O time é eliminado.

SERGIO BARZAGHI/GAZETA PRESS

2017

■ O "moedor" de jogadores e treinadores atinge ídolos do clube.
■ Raí assume como diretor e **ROGÉRIO CENI** vira treinador.
■ Depois de bom início, Ceni rompe com Leco e acaba demitido.
■ Dorival Junior e Hernanes, de volta, salvam time da Série B.

MARCELO ZAMBRANA

2018

■ Com o uruguaio **DIEGO AGUIRRE** no comando (e Lugano na diretoria), a equipe termina o primeiro turno do BR na liderança.
■ O time despenca na parte final e fica fora da fase de grupos da Libertadores.
■ Aguirre é demitido por Raí, que escolhe o jovem André Jardine como novo técnico.

ALEXANDRE BATTIBUGLI

2019

■ Jardine acaba eliminado na pré-Libertadores.
■ Perdida, a diretoria utiliza três técnicos em apenas uma temporada.
■ **DANIEL ALVES** é trazido com a missão de ser a referência técnica.
■ Gastando mais do que arrecada, o clube apresenta balanço que aponta déficit de 156 milhões de reais.

MIGUEL SCHINCARIOL/GETTY IMAGES

2020

■ Com a classificação para a fase de grupos da Libertadores, **FERNANDO DINIZ** é mantido no cargo.
■ Para equilibrar as contas, Antony acaba negociado (mas o clube continua operando no vermelho).
■ A pandemia interrompe o momento bom do time em campo no último ano da gestão de Leco.

MIGUEL SCHINCARIOL/GETTY IMAGES

O CRUZEIRO VAI FALIR?

Rebaixamento, dívidas e investigação policial levam o clube mineiro ao mais dramático período de sua vitoriosa história. PLACAR fez uma radiografia do problema e aponta caminhos para sair da crise

Guilherme Piu

Escolhas irresponsáveis nos últimos anos autorizam a indagação do título desta reportagem — e o Cruzeiro, o grande Cruzeiro, bicampeão da Copa do Brasil em 2017 e 2018, em apenas dois anos caiu para a série B do Brasileirão, arrastado por uma crise que parece não ter fim. O problema, a rigor, não é o desempenho esportivo, muito ruim. É o ambiente político e financeiro da agremiação, mergulhada em sucessivos escândalos, a ponto de as manchetes terem saltado das páginas de esportes para as policiais. No passado recente, e foi assim até outro dia, o protagonismo da Raposa dentro de campo lhe rendeu a carinhosa alcunha de "time copeiro". Não é mais assim. Os torcedores adversários, e mesmo os cruzeirenses, irritados e assustados com a gestão temerária de seus cartolas, trataram de mudar o apelido, e nasceu o "time caloteiro". A dívida é praticamente impagável: são 803 milhões de reais, a segunda maior entre os clubes nacionais, atrás do Botafogo.

O Cruzeiro tenta superar sua pandemia particular. A Toca da Raposa foi dizimada pela corrupção, com suspeita de crimes como lavagem de dinheiro, falsificação de documentos, apropriação indébita e organização criminosa — os envolvidos, é natural, negam as estrepolias. O vendaval se formou durante a presidência de Wagner Pires de Sá, iniciada em outubro de 2017 e finalizada em dezembro de 2019, com ruidosa renúncia. Somente no ano passado o Cruzeiro teve déficit de 394 milhões reais, além de processos administrativos registrados na Fifa por dívidas não pagas na casa dos 100 milhões, segundo números apontados pela Moore, auditoria que analisou o mais recente balancete da equipe mineira.

O rombo milionário em 2019 deixou impressionado até quem estuda balanços financeiros no futebol. "É assustador, o problema do Cruzeiro não é só a dívida, é o fluxo de caixa", diz Amir Somoggi, consultor de marketing e gestão esportiva da Sports Value. "Tamanhas perdas inviabilizam o clube. O prejuízo de quase 400 milhões em um ano é algo nunca visto antes no futebol brasileiro."

O prejuízo do Cruzeiro supera sozinho os valores negativos apontados por Corinthians (177 milhões de reais), São Paulo (156 milhões de reais), Botafogo (20,8 milhões de reais), Sport (22 milhões de reais), Fluminense (9,3 milhões de reais), Atlético-MG (5,7 milhões de reais) e Internacional (3 milhões de reais) em 2019. O caso chamou a atenção das autoridades. A Polícia Federal, o Ministério Público de Minas Gerais e a Polícia Civil do estado se dividem em investigações. As suspeitas: relações promíscuas como "rachadinha", divisão de dinheiro desviado do clube por empresários e dirigentes, e contratos fraudulentos que envolvem escritórios de advocacia. Acordos firmados entre o Cruzeiro e familiares de conselheiros também incrementam a extensa lista de malfeitos.

Depois das primeiras denúncias feitas pelo *Fantástico*, da TV Globo, há pouco mais de um ano, as autoridades ganharam elementos para auxiliar nos trabalhos: um documento de mais de 600 páginas produzido pela Kroll, empresa especializada em investigação corporativa. O dossiê aponta indícios de crimes na gestão de Pires de Sá. "O relató-

RO

Zezé Perrella, símbolo do Cruzeiro vencedor e da gestão que levou o clube à Série B: o gesto feio é o menor dos problemas

FRED MAGNO/O TEMPO

AS OITO RAPOSAS DA RAPOSA

WAGNER PIRES DE SÁ
Eleito presidente do Cruzeiro em outubro de 2017, renunciou ao cargo em dezembro de 2019 após pressão da torcida e de diretores do clube. Foi acusado de diversas irregularidades. A saber: torrou 184 000 reais em dois anos com o cartão corporativo do time; usou dinheiro da agremiação para pagar suas contas em restaurantes, uma viagem de férias à Bahia e barris de chope. A polícia e o Ministério Público mineiro investigam a participação de Pires de Sá em crimes de falsificação de documentos, falsidade ideológica e apropriação indébita. É muito provável que seja excluído do conselho deliberativo.

HERMÍNIO LEMOS
Responsável pela área administrativa, era o primeiro vice-presidente da gestão Pires de Sá. De acordo com a Kroll, especializada em gestão de riscos e investigações corporativas, o Cruzeiro firmou contrato com uma empresa no nome de Rosimeire Alves da Silva Lemos, mulher de Hermínio, no valor de 176 400 reais. Pelo estatuto, nenhum conselheiro pode receber dinheiro do clube. O Conselho de Ética também pediu sua exclusão dos quadros dirigentes.

ITAIR MACHADO
O ex-vice-presidente de futebol do Cruzeiro ascendeu na carreira de cartola comandando clubes menores em Minas Gerais, como o Ipatinga e o Betim (nas duas equipes, porém, acumulou problemas, principalmente na Justiça do Trabalho). Machado comandou todas as contratações de jogadores durante a presidência de Pires de Sá, transações que estão na mira da Polícia Civil e do MP mineiros. Há indícios da prática de "rachadinha" nessas negociações. Ele usou os cofres do Cruzeiro para custear em seu favor os honorários advocatícios (cerca de 46 000 reais) de um processo criminal movido por um ex-dirigente do clube. Foi citado em investigações que apuram denúncias de falsificação de documentos, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro. Busca simples no Google mostra mais de quarenta processos em seu nome, divididos entre o Tribunal de Justiça de Minas Gerais e o Tribunal Regional do Trabalho.

SÉRGIO NONATO
Ex-comentarista da TV mineira, hoje conselheiro do clube, foi um dos grandes articuladores da candidatura de Pires de Sá. Chegou a receber salário mensal de 125 000 reais no cargo de diretor-geral. Citado em investigações de falsificação de documentos, falsidade ideológica e lavagem de dinheiro, foi excluído do conselho deliberativo do Cruzeiro, mas ganhou o direito de retomar seu posto por meio de liminar.

FABIANO DE OLIVEIRA COSTA
O ex-vice-presidente jurídico do Cruzeiro é investigado pela Polícia Federal por suposta participação em esquemas de desvio de dinheiro. Tais suspeitas surgiram após duas operações da PF, Capitu e Escobar, que apura crimes de corrupção ativa, corrupção passiva, organização criminosa, obstrução de Justiça e violação de sigilo funcional. O nome de Oliveira Costa aparece como suposto beneficiário de dinheiro do clube repassado por escritórios de advocacia. Entre 2017 e 2018, segundo relatórios da PF, mais de 300 000 reais foram movimentados por Oliveira Costa e outros advogados investigados.

FLÁVIO PENA MEDEIROS
Terceiro homem a sentar na cadeira de diretor financeiro do clube em apenas dois anos sob a gestão Pires de Sá, o dirigente está envolvido na polêmica dos balanços patrimoniais do Cruzeiro. Tudo por causa do modo como foi registrada a venda do meia uruguaio De Arrascaeta, comprado pelo Flamengo em 2019: Pena Medeiros adulterou os livros contábeis e colocou a operação no balancete de 2018, um ano antes da transferência do atleta, tentando esconder o rombo. Os documentos precisaram ser atualizados depois das denúncias de irregularidades.

ALEXANDRE COMORETTO ("GAÚCHO")
O ex-assessor de Pires de Sá foi citado em planilha da Kroll que mostrou movimentação equivalente a mais de 13 milhões de reais em ingressos de cortesia para jogos do Cruzeiro — somente em 2018, Comoretto movimentou cerca de 52 000 bilhetes. Conhecido pelo apelido de Gaúcho, foi demitido no começo deste ano. O sócio do clube não é conselheiro — ele costuma frequentar as canchas de bocha na sede campestre da Raposa, localizada na região da Pampulha — e sua entrada na administração se deu por ser um dos mentores da campanha do ex-presidente cruzeirense.

ZEZÉ PERRELLA
O personagem que aparece na abertura desta reportagem, em gesto obsceno, era presidente do conselho deliberativo durante a gestão de Pires de Sá, mas se manteve inerte diante das diversas acusações graves que recaíam sobre seus pares. Perrella foi o mandatário do Cruzeiro de 1990 a 2000. Afastou-se do dia a dia do clube por oito anos, entre 2011 e 2019, como senador da República. O cartola tentou uma volta triunfal ao ocupar o cargo de gestor do departamento de futebol na reta final do Brasileiro de 2019. Entretanto, foi o pivô de problemas de relacionamento com o elenco e incendiou ainda mais o vestiário, colaborando para o rebaixamento do time à Série B. Discussões públicas com Thiago Neves — quem não ouviu o áudio do jogador pedindo o pagamento de salários atrasados? — se tornaram meme na internet. Em abril, levou uma "cusparada" no rosto durante a eleição presidencial no clube. Seu nome não surgiu em investigações recentes, mas o de seu filho Gustavo Perrella, sim. Conselheiro do Cruzeiro, Gustavo — aquele do helicóptero — recebeu 190 000 reais por serviços de consultoria financeira por meio de sua empresa, o que é proibido pelo estatuto. O filho do ex-presidente foi expulso do conselho deliberativo, mas conseguiu na Justiça o direito de retomar o posto.

DIVULGAÇÃO/CRUZEIRO

rio é extenso. Eventuais fatos extras serão alvo de investigação adicional em um segundo momento. Essa é a intenção da Polícia Civil e do Ministério Público", disse a 11ª Promotoria de Combate ao Crime Organizado do MP mineiro, por meio de sua assessoria de imprensa.

Ligações perigosas envolvendo advogados e contadores da antiga diretoria também estão na mira. PLACAR teve acesso a uma das planilhas do relatório da Kroll. O documento mostra que entre 2018 e 2019 foram movimentados pelo clube exatos 3 789 560,11 reais a título de honorários advocatícios e contábeis. Há dúvida sobre a prestação de qualquer serviço que justifique os pagamentos. Apenas um desses serviços teria custado aos cofres azuis 1 262 293,13 reais. Segundo a denúncia, o valor foi pago em 2018 à Mourão e Lamounier Auditoria e Contabilidade, localizada no bairro São Luiz, em Belo Horizonte. O trabalho foi contratado pelo próprio Pires de Sá. Policiais civis já ouviram os representantes da empresa. O escritório de advocacia de um ex-dirigente do Cruzeiro também teria recebido pouco mais de 660 000 reais para defender o clube em processos movidos por empresários de jogadores. Esse pagamento é investigado pela Polícia Federal, que encontrou indícios de desvio de dinheiro em benefício do advogado Ildeu da Cunha Pereira, representante da banca — que morreu durante as investigações —, e do ex-presidente jurídico da Raposa Fabiano de Oliveira Costa (*conheça os principais personagens da trama no quadro ao lado*).

Se o rebaixamento entristece, as dívidas e, sobretudo, a investigação policial são sinônimo de derrocada, da sensação de inevitabilidade de um péssimo desfecho. "O Cruzeiro não tem jeito", declara o empresário Vittorio Medioli, que por quinze dias ocupou o posto de CEO do

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Há dois anos, os mineiros levantavam a Copa do Brasil e eram chamados de "time copeiro"

conselho gestor que geriu a Raposa depois da renúncia de Pires de Sá. "A única medida possível é a intervenção judicial. Quem foi eleito agora eu não conheço, mas espero que faça alguma coisa. A disputa foi para presidir a sobra de uma carcaça." O próprio Medioli conta que um empresário de jogador chegou a roubar documentos da sede administrativa do clube, um indicador de "queima de arquivo" no departamento jurídico do time, e que ainda ouviu um sonoro "não" quando afirmou que a salvação dependia da transformação do Cruzeiro em uma empresa.

O novo presidente, o advogado Sérgio Santos Rodrigues, foi eleito em 21 de maio. Ele havia sido derrotado três anos atrás, no pleito que levou o investigado Pires de Sá à cadeira presidencial. Santos Rodrigues, portanto, é quem finalizará o mandato do cartola deposto. "É preciso aprovar estatutariamente a mudança para S/A, e o fato de implementá-la não resolveria nossos problemas", esclarece ele. "A falência não é permitida pela natureza jurídica do Cruzeiro, uma associação civil sem fins lucrativos." Analistas da Ernst & Young, uma das maiores empresas contábeis do mundo, afirmam que o clube pode se salvar, mas precisará de um choque de organização. "O que agrava o caso do Cruzeiro é que ele saiu da Série A para a Série B, com queda de receita muito forte, e não consegue cortar as despesas na mesma intensidade", explica Pedro Daniel, diretor executivo da EY. "Por ser um clube com grande história, grande torcida, pode até retomar o patamar antigo. O ponto é o prazo para isso. O Flamengo precisou de cinco anos."

O novo presidente diz querer no Cruzeiro uma "gestão moderna, profissional e inovadora", com a finalidade de aumentar as receitas do clube. Santos Rodrigues já anunciou a formação de um "núcleo de inovação", que contemplará "mentes criativas" de várias áreas. Henrique Portugal, tecladista da banda Skank e cruzeirense de carteirinha, foi convidado para fazer parte da equipe. A intenção é criar aplicativos, games e outras plataformas digitais na tentativa de aumentar o fluxo de caixa cruzeirense. "Os clubes não têm orientação estratégica. Deles, 95% usam todo o esforço e foco no pagamento de dívidas. Não sobra tempo para pensar em alternativas que possam ajudá-los", analisa Gustavo Hazan, gerente de esportes da consultoria EY no Brasil.

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES

O meia Thiago Neves, que já abandonou o barco celeste, ainda tem salários a receber

A chave do sucesso, segundo os especialistas, é diversificar as receitas dos clubes, normalmente escravizados pelas bilheterias, pelos direitos de transmissão de TV e pela venda de jogadores. Tanto que essa diversificação é um dos pontos analisados pelo novíssimo Índice PLACAR/Itaú BBA de gestão esportiva (*conheça o ranking em detalhes na pág. ao lado*). Há ainda outra forma de arrecadação para o Cruzeiro, mas essa alternativa não entra por enquanto nas contas da presidência. O clube, por meio de uma apólice de seguro, espera ser ressarcido em 20 milhões de reais pelas incorreções da administração anterior. A nova diretoria quer provar, depois da conclusão das investigações, que foi prejudicada e obter autorização para receber o dinheiro. Mas ainda é pouco. ■

O BRASILEIRÃO DA COMPETÊNCIA

PLACAR convidou o Itaú BBA a criar um índice para medir, sem distorções e com o máximo rigor, a qualidade do trabalho financeiro dos principais clubes brasileiros

Alexandre Senechal

Nos últimos tempos, com a obrigatoriedade legal de tornar público o relatório financeiro dos clubes de futebol no Brasil, surgiu um novo tipo de disputa. “Meu time arrecada mais que o seu” ou “meu rival está quebrado” são os argumentos mais comuns disparados pelos “torcedores de balanço”. Saber quanto um clube deve aos credores ou se consegue faturamento adequado é informação relevante, mas não fornece a leitura completa sobre a qualidade da gestão de uma agremiação profissional. PLACAR se uniu ao Itaú BBA, por intermédio do economista Cesar Grafietti, consultor da instituição e profundo conhecedor da realidade econômica dos times, para a criação de um índice que levará em consideração nove indicadores para a atribuição de uma nota *(entenda como foi feito o cálculo em abr.ai/indiceplacar)*. “O objetivo é traduzir a análise financeira em um único número que autorize rápidas comparações com outros times”, diz Grafietti. “É simples, não requer conhecimento matemático.” Para a primeira versão do Índice PLACAR/Itaú BBA de Gestão Esportiva, analisamos os dados referentes à temporada 2019 de 24 clubes — os vinte que disputaram a série A no ano passado e os quatro promovidos da Série B. Avaí, Coritiba, Chapecoense e CSA não aparecem na tabela por serem os únicos que não divulgaram seus registros contábeis. ■

ÍNDICE PLACAR/ITAÚ BBA DE GESTÃO ESPORTIVA

Nº	TIME	NOTA
1º	Flamengo	8
2º	Goiás	7
3º	Grêmio	6
	Bahia	6
5º	Palmeiras	5
	Ceará	5
7º	Fortaleza	2
	Atlético-GO	2
9º	Athletico-PR	0
10º	Santos	-1
11º	Internacional	-6
	RB Bragantino	-6
13º	Fluminense	-7
	Sport	-7
15º	Botafogo	-8
16º	Vasco da Gama	-9
17º	Atlético Mineiro	-10
18º	Corinthians	-11
	São Paulo	-11
	Cruzeiro	-11

(O critério de desempate para equipes com a mesma nota foi a colocação no Ranking PLACAR, que faz a soma histórica de títulos dos clubes brasileiros)

O trabalho do **Flamengo** (com receita na casa dos 960 milhões de reais, a maior do país) é exemplar no que se refere às finanças – apesar de deslizes como o desrespeito aos familiares dos jovens que morreram no incêndio do Ninho do Urubu, em 2019

O **Goiás** manteve em 2019 rigorosa política de controle de gastos, adequados à sua realidade, e registrou endividamento baixo. Detalhe: a venda de Michael, revelação do último Brasileirão, ao Flamengo nem entrou nos registros

O **Botafogo** carrega dívidas muito acima da capacidade de pagamento, o que corrói o esforço recente de recuperação. A atual diretoria cogita a adoção do novo formato de “clube-empresa” como tábua de salvação financeira e esportiva

A atual gestão de Andrés Sanchez no **Corinthians** é temerária do ponto de vista contábil. Ressalte-se ainda a dívida referente ao estádio de Itaquera, que não entra no balanço do clube (é outra empresa que gerencia a Arena)

PROTOCOLO FUTEBOL CLUBE

A Alemanha abriu o caminho para o esporte depois do surto. Eis um bom espelho para a retomada da bola em gramados brasileiros

Danilo Monteiro e Luiz Felipe Castro

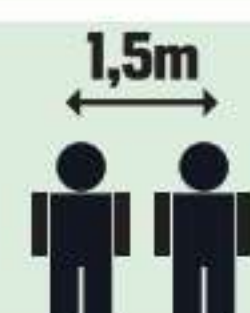
Até na segundona alemã a rotina antes de uma partida mudou: haja desinfetante

A edição de abril de PLACAR estampou na capa, com alguma melancolia, a chamada "A vida sem futebol", momento sem precedente na história, em que a bola parou de rolar em países de todos os continentes — com raras e bizarras exceções. Dois meses depois, já é possível ter uma ideia de como será o jogo no pós-pandemia. No Brasil, contudo, com o surto ainda acelerado, será preciso tempo para a retomada. O bom exemplo a ser seguido no esporte — como em outras áreas da sociedade — vem da Alemanha, onde as duas primeiras divisões do campeonato nacional foram retomadas em 16 de maio, com rígidos protocolos de segurança sanitária. Os apressados dirigentes e políticos brasileiros devem ter cautela para evitar um novo 7 a 1, desta vez de proporções muito mais graves, que atingiria esportistas e torcedores. Entre os alemães, a Covid-19 foi tratada com o devido zelo, atrelado a testes em profusão e um vigoroso sistema de saúde. Com segurança, portanto, foi possível reiniciar as atividades.

SASCHA SCHUERMANN/GETTY IMAGES

AS BOAS LIÇÕES DA VOLTA DO FUTEBOL NA EUROPA

- É desencorajado o contato físico nas comemorações de gol
- Depois da partida, cada jogador lava seu uniforme em casa

- Os reservas devem ficar separados por pelo menos 1,5 metro de distância

- Há medição da temperatura diária, inclusive para entrar no estádio

A volta da Bundesliga reaqueceu corações saudosos em todo o mundo, mas também causou estranheza. Estádios vazios, comemorações de gol pouco efusivas, ritmo de jogo mais lento e até cinco substituições para tentar amenizar as inevitáveis lesões em série. Quando o futebol brasileiro voltar — a previsão é de que os estaduais sejam retomados primeiro — um bom atalho será importar o conhecimento adquirido em solo europeu. O ritual inaugurado pelos alemães, que em junho será replicado por espanhóis, ingleses e italianos, traz uma série de novas exigências (que custam caro, diga-se). A principal diz respeito à testagem em massa de todos os envolvidos no espetáculo, incluindo gandulas e os de-

mais profissionais que atuam nas partidas. Quem estiver com febre ou apresentar sintomas compatíveis com os da Covid-19 deve ser isolado e posto em quarentena.

O tal "novo normal" do futebol exige disciplina e esforço geral. Nas grandes ligas europeias, os jogadores devem lavar os próprios uniformes em casa, além de se submeterem a, no mínimo, dois testes de coronavírus por semana. O cumprimento com os cotovelos é hoje o único autorizado. Nem na Alemanha, país acostumado a seguir regulamentos à risca, o sistema se mostrou à prova de falhas. Às vésperas da reestreia, o técnico do Augsburg, Heiko Herrlich, foi vetado da partida por "furar" a quarentena na concentração. "Eu não tinha mais pasta de dentes, então fui a um supermercado", explicou. "Embora tenha cumprido as medidas de segurança e higiene, não cumpri meu papel de exemplo para o time e para o público. Por isso assumo meu erro." Com o passar das semanas, já se nota algum relaxamento no cumprimento das regras. Ainda que os abraços efusivos tenham desaparecido, tapinhas carinhosos na nuca ou no rosto têm sido perdoados em gols mais bonitos ou importantes. Isso sem falar no "agarra-agarra" em escanteios, algo inescapável em um jogo de contato (o que acende um válido debate sobre a hipocrisia do protocolo).

No Brasil, o último jogo relevante ocorreu na noite de 16 de março, quando o Guarani venceu a Ponte Preta por 3 a 2, em um emocionante dérbi válido pelo Campeonato Paulista. De lá para cá, o vírus atingiu em cheio os cofres dos clubes. Entre grandes e pequenos, seja qual for a divisão, todos sentiram os efeitos, e a imensa maioria se viu obrigada a dispensar funcionários ou reduzir parte considerável de seus vencimentos. Sem as cotas cheias da TV nem a renda das bilheterias, algu-

REALIDADE PARALELA

Enquanto na Alemanha e na maior parte do mundo se discutem medidas sanitárias cautelosas para a prática do futebol, a Bielorrússia — ou Belarus, com 9,5 milhões de habitantes, a última ditadura da Europa — vai na contramão do bom senso. O campeonato local começou em 19 de março, em meio à pandemia, e seguiu normalmente, sem paralisações, mesmo que os casos de Covid-19 tenham crescido exponencialmente, superando os 45 000 infectados. A ex-república soviética, separada do bloco socialista há 29 anos, é governada com mão de ferro por Aleksandr Lukashenko, um negacionista do coronavírus (lembra alguém?).

Assistir aos jogos é como embarcar numa máquina do tempo, uma viagem ao tal do "antigo normal": gente nas arquibancadas (ainda que com média inferior a 1 000 torcedores por partida), aglomerações, rostos livres de máscara, gols celebrados com abraços e aperto de mãos antes do pontapé inicial. Rituais banais, mas hoje quase assustadores, como se houvesse uma realidade paralela. "A opinião da população está dividida, mas quem vai a um jogo acredita que não é mais perigoso estar no estádio do que em um supermercado ou metrô", diz Viktoria Kovalchuk, jornalista do portal TUT, de Belarus. "Não existem grandes restrições ou quarentena severa no país, cada um tenta se cuidar de seu jeito, evitando multidões, lavando as mãos etc."

A federação de futebol do país não divulga publicamente sua política de testes ou de controle sanitário. Um caso positivo de Sars-CoV-2 no FC Minsk, time da capital bielorrussa, porém, fez com que duas de suas partidas pela liga fossem adiadas. "Acredito que a federação e os clubes estão bastante conscientes da situação e organizados para que nada aconteça", diz Gabriel Ramos, meio-campista do Torpedo Belaz e um dos nove brasileiros que disputam a liga de Belarus. "No meu time fazemos testes toda semana, dois dias antes de cada jogo. Tomamos todos os cuidados necessários." Para desgosto, insista-se, do mandachuva Lukashenko.

Fábio Aleixo, de Moscou

SERGEI GRITS/AP

Campeonato na Bielorrússia do ditador Lukashenko: como se nada houvesse

Nas entrevistas à beira do gramado na Alemanha agora são utilizados apetrechos tecnológicos comuns às produções cinematográficas

mas agremiações deram um bico no bom senso e precipitaram a retomada dos trabalhos.

O presidente Jair Bolsonaro, opositor confesso do isolamento social, reuniu-se com os presidentes de Flamengo e Vasco, Rodolfo Landim e Alexandre Campello, respectivamente, num lance político em Brasília. O atual campeão brasileiro chegou a treinar escondido, apesar de ter acumulado 38 casos de Covid-19 entre os funcionários, além de um doloroso óbito, de Jorge Luiz Domingos, massagista rubro-negro com quatro décadas de casa. No Vasco, ao menos dezesseis jogadores testaram positivo no fim de maio. No caminho contrário, Botafogo e Fluminense se posicionaram claramente contra os rivais e, até mesmo, protagonizaram trocas de farpas públicas entre os dirigentes cariocas. Em São Paulo, o tom é mais racional, mas a pressão pela volta aumenta a cada semana. A federação local apresentou, sem alarde, o seu plano de voo: quando o Paulistão voltar, as delegações deverão se isolar em concentração nos centros de treinamento ou em hotéis até o fim do torneio — quem chegar à final disputará mais seis jogos.

No início de junho, o Red Bull Bragantino se aproveitou de uma autorização da prefeitura da cidade do interior do estado e retomou os treinos físicos, repetindo o que já ocorre no Rio Grande do Sul, com Inter e Grêmio. “Estamos abrindo as portas para outras prefeituras para a volta do futebol. A bola tem de rolar em julho, ou os clubes quebrarão”, afirmou Marquinho Chedid, presidente do Bragantino, que diz seguir o protocolo de seus “irmãos” europeus, o Leipzig, da Alemanha, e o Salszburg, da Áustria. Convém citar uma diferença fundamental: na volta da Bundesliga, a Alemanha registrava cerca de 8 000 mortes por Covid-19; três semanas depois, o número subiu em pouco menos de 1 000 novos óbitos. Esse era o quociente diário de vítimas no Brasil no início de junho. Se nem na Alemanha, onde a chanceler Angela Merkel já alerta sobre uma possível segunda onda de contágio, a retomada é 100% segura, por aqui a volta do futebol beira a insanidade. ■

HÁ VIDA NO PA

Abrem-se as cortinas:
na altura do meio-campo,
os pacientes são levados para
as imaculadas tendas brancas

ACAEMBU

Um passeio pelo histórico e clássico estádio paulistano, transformado em hospital de campanha durante a pandemia de Covid-19

Luiz Felipe Castro (texto) e **Egberto Nogueira** (fotos)

A Praça Charles Miller, batizada em homenagem ao filho de britânicos que trouxe o futebol para o Brasil, em nada lembra os dias de grandes decisões. Não há torcedores, barracas de pernil, foguetórios, os insistentes cambistas nem o desagradável cheiro de urina nos escadões, nada. No máximo, alguns raros ciclistas de máscara, que tentam aproveitar a tarde ensolarada admirando a fachada em art déco do Estádio Paulo Machado de Carvalho, belíssima e intacta desde sua inauguração, em 27 de abril de 1940. "O meu, o seu, o nosso Pacaembu", como dizia o vozeirão do locutor Edson Sorriso, mantido no cargo pela nova concessionária, a Progen, segue funcionando, mas agora provoca outra família de emoções. Desde 6 de abril o templo sagrado da bola recebe pacientes com suspeita ou confirmação do quadro do novo coronavírus em um hospital municipal de campanha erguido em parceria com o Albert Einstein justamente sobre o gramado. São 200 leitos disponíveis.

As vítimas da pandemia chegam de ambulância pelo portão 23 da Rua Capivari, o mesmo local por onde os ônibus dos clubes entravam, próximo às piscinas e quadras do complexo e à estátua da tenista Maria Esther Bueno. A atmosfera esportiva permanece no ar e, quase como em um ritual, os 520 profissionais que ali trabalham (entre médicos, enfermeiros, bombeiros e seguranças) repetem alguns hábitos dos craques que por ali desfilaram, como Lêonidas

Profissionais de saúde e de administração trocam de roupa no mesmíssimo vestiário onde, em passado recente, os craques se preparavam para as partidas de futebol

Chuteiras dão lugar ao protetor de calçados: nas chamadas “zonas contaminantes”, o momento da paramentação é tenso como o que antecede uma disputa de pênaltis

A longa escadaria que dava acesso ao gramado do tradicional templo do esporte em São Paulo é hoje a passarela de médicos e enfermeiros que salvam vidas diariamente

Fabiane

A ARTILHEIRA DO TIME
A bombeira civil **Valquíria Moraes** já havia frequentado o Pacaembu diversas vezes, em jogos do Palmeiras, paixão de toda a sua família. É ela quem leva os pacientes curados de volta para os braços dos familiares. "É uma alegria semelhante à provocada por um gol", diz

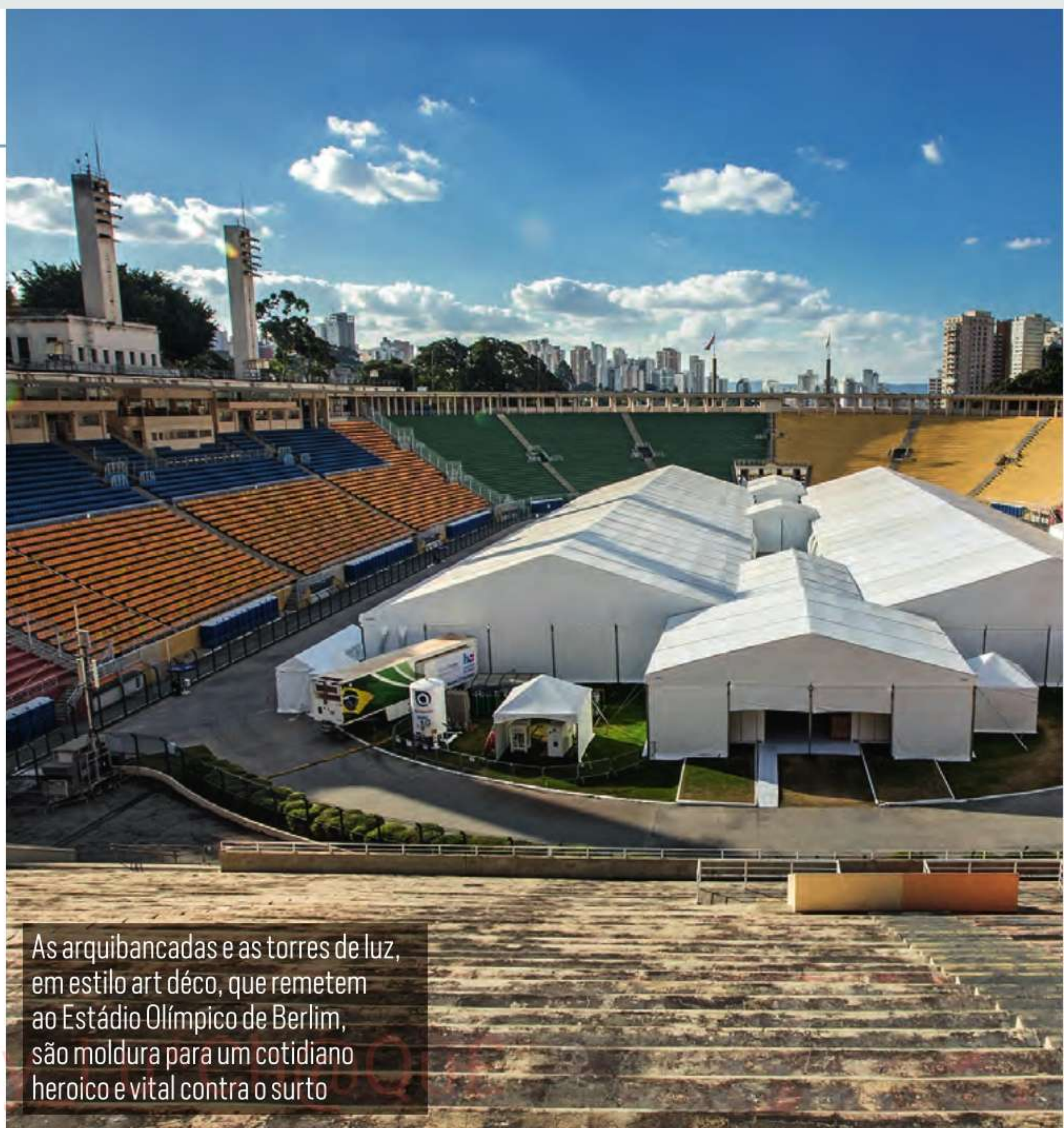
O hospital provisório tem 200 leitos *(acima)* dispostos ao longo do gramado, evidentemente desativado. Um dia antes de ter alta, Alexandre Aparecido dos Santos, de 46 anos, recebia os cuidados da técnica em enfermagem Fabiane Resende *(à esq.)*. "O time aqui é muito carinhoso", diz, com a voz rouca, mas firme

AMORES MARCADOS NA PELE
"Aqui é Corinthians", avisa **Marcos Fernando Bueno,** supervisor de segurança. Ele é um dos mais fanáticos torcedores do hospital, tanto que gravou nos braços o nome do filho, Arthur, e do time do coração. "Cansei de vir aqui torcer pelo Timão."

da Silva, Rivellino, Ademir da Guia, Pelé, Ronaldo e Neymar. Os vestiários onde a equipe médica começa a se paramentar são os mesmos — homens no mandante e mulheres no visitante. A antiga sala de imprensa segue cheia de computadores, mas agora é comandada pela equipe de coordenação e administração. Para chegarem ao hospital, todos devem passar pelo túnel e, depois, pela escadaria que levava as estrelas ao campo e ao grito das torcidas.

Cansado mas orgulhoso de seu trabalho, Fábio Ferracini, chefe da área de farmácia, composta de 49 funcionários (apenas um foi infectado pela Covid-19), veste uma camisa alvinegra. Ele ri e avisa: "Aqui só dá Corinthians, estamos em casa". De fato, a maioria é corintiana, mas há entre os colegas tricolores, palmeirenses, santistas, torcedores do Atlético (MG), do Vasco, Flamengo e Sport. Profissionais de diversos estados foram "convocados para a seleção do coronavírus", na definição do médico Rodrigo Furtado, de Natal. O ambiente é menos pesado do que se pode imaginar, sobretudo pelo fato de o Pacaembu receber apenas pacientes de baixa e média

complexidade — aqueles com quadro evidentemente mais grave são transferidos para outros hospitais. A atmosfera esportiva também contribui para uma certa insustentável leveza. “É um orgulho poder ajudar a salvar vidas, ainda mais aqui neste pedaço onde o Emerson Sheik me deu a maior alegria como torcedor”, conta o auxiliar de montagem Ricardo Martins, que, coincidentemente, trabalha sobre o espaço em que ficava a grande área do gol do tobogã (e da antiga concha acústica), onde saíram os gols do título da Libertadores de 2012 para o Corinthians.

Um momento de tensão se dá na entrada das chamadas “zonas contaminantes”. Todos que por ali passam devem cumprir rígidas normas de paramentação e, além da máscara, obrigatória, precisam vestir óculos ou escudos de rosto, proteção de calçados, avental e luvas, sempre higienizando as mãos com álcool em gel. Invadindo o meio-campo do hospital, o clima é de calmaria. A maioria das vítimas repousa em silêncio. Perto da intermediária oposta, Alexandre dos Santos, corintiano (mais um!), revela estar prestes a receber alta e, ao saber que a reportagem é da revista PLACAR, cantarola os versos do hino alvinegro, com voz rouca, abatida pelo vírus. Na manhã seguinte, ele atravessaria o portão principal do estádio e seria recebido por abraços e lágrimas. Desde o início, já são mais de 1 000 as pessoas que tiveram alta (a milésima foi o corretor de imóveis Marcos Pereira, santista). “Cada paciente que sai com saúde nos dá uma alegria semelhante à provocada por um gol, é emocionante”, diz a bombeira Valquíria Moraes, palmeirense roxa, responsável por levar os pacientes aos familiares, do lado de fora do estádio. Há vida no Pacaembu. ■

As arquibancadas e as torres de luz, em estilo art déco, que remetem ao Estádio Olímpico de Berlim, são moldura para um cotidiano heroico e vital contra o surto

Milésimo internado a ter alta, o corretor de imóveis Marcos Pereira, torcedor do Santos, celebra a vitória com a família

A NOVATA E DESTEMIDA
Fernanda Campos é mineira, atleticana e fã de Ronaldinho Gaúcho. Em seu primeiro emprego como farmacêutica, topou o desafio de conter uma pandemia. “Não tenho medo de contaminação. Ajudar a salvar vidas é experiência única e gratificante”, diz

PAIXÃO PELO DOUTOR SÓCRATES
O coordenador de suprimentos **Fábio Ferracini** é quem mais gosta de azucrinar os torcedores rivais no trabalho e recorda sua primeira PLACAR. “Quando criança, eu engraxava sapatos e juntei moedas só para comprar a revista com Sócrates na capa”

“PODERIA SER COMIGO”

O atacante do Everton, jovem promessa da seleção, se posiciona a respeito do racismo e conta como tem lidado com o retorno do futebol em meio à pandemia

Luiz Felipe Castro

Richarlison de Andrade, o Pombo, pode até ser uma estrela em ascensão na mais forte liga do mundo, bem como presença constante na seleção brasileira de Tite, mas o capixaba de 23 anos não esquece sua infância complicada na pequena cidade de Nova Venécia (ES). O atacante do Everton vem demonstrando engajamento incomum dentro de sua classe em temas como o racismo e a pandemia do novo coronavírus. Em entrevista a PLACAR, o jogador diz que chegou a ficar na mira de uma arma na adolescência e também fala sobre o recomeço da temporada e os planos para o futuro.

Como foi retornar aos treinos depois da quarentena? É claro que não dá para voltar com o mesmo ritmo, mas, depois de duas semanas de treino pesado, conseguimos recuperar bastante. É como uma pré-temporada. Quatro colegas de time sentiram mais e se lesionaram, pois já vínhamos de um ano desgastante. Levei um preparador físico comigo para o Brasil e consegui manter a forma.

Qual é o protocolo que vocês devem cumprir? Chegamos ao CT só na hora de ir para o campo e fazemos teste de coronavírus duas vezes por semana. Pediram que não cuspíssemos em campo, não pegássemos na mão dos companheiros. Não fui infectado, mas a pandemia assusta, ainda mais para quem é brasileiro. Tenho visto o que está acontecendo aí. É claro que o risco é maior em idosos, mas muitos jovens estão morrendo, então não tem como não ficar preocupado.

Você também se posicionou sobre outro tema do momento: o racismo. É algo que o preocupa? Sim, embora nunca tenha sofrido racismo em campo. Mas é um assunto com o qual nós, que viemos da favela, estamos acostumados. Sempre fui tratado de forma diferente. Acompanhei o caso da morte do João Pedro, em que a polícia deu mais de setenta tiros em sua casa *(o garoto de 14 anos foi baleado em uma ação no Complexo do Salgueiro, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro)*. Poderia ser comigo. Lá atrás, convivi com tiroteios e fui até confundido com traficante. É triste, ainda mais em meio a uma pandemia. Em vez de se ajudarem, as pessoas estão matando umas às outras. Também acompanhei o caso dos Estados Unidos *(o negro George Floyd foi asfixiado até a morte por um policial)*. As pessoas que estão nas ruas estão no direito delas de protestar e pedir justiça. Se estivesse lá, faria o mesmo.

> **“As pessoas que estão nas ruas estão no seu direito de protestar e pedir justiça. Se estivesse lá, faria o mesmo”**

Você já é muito querido no Everton, como nos clubes por onde passou. O que explica essa conexão com a torcida? Meu sonho é me tornar ídolo do clube, vejo estátuas de ex-jogadores no Goodison Park e imagino uma minha também. Creio que tenho um carisma natural: gosto muito das crianças, dentro de campo dou a vida pela camisa que visto. Acho que é por isso que eles me amam. A “dança do pombo” ajudou. A criançada copia, me dá presentes. Eles têm muito carinho por mim, e eu por eles.

Seu técnico, o italiano Carlo Ancelotti, é apontado pelo Tite como grande referência. Como é trabalhar com os dois? São técnicos vencedores, vejo bastante semelhança no estilo deles. O Carlo me contou que são amigos desde quando o Tite fez estágio no Real Madrid. Como fala espanhol, nós nos entendemos bem. Recentemente, ele mudou meu posicionamento, quer que eu fique mais na frente, centralizado. Até já disse ao Tite que é assim que ele deveria me usar na seleção. Com Coutinho e Neymar armando, a bola vai chegar sempre.

O adiamento da Olimpíada de Tóquio foi frustrante? Sim, quero muito participar. A comissão veio até aqui me perguntar se queria jogar a Copa América ou a Olimpíada. Disse que quero jogar as duas, mas

o clube só me liberou para Tóquio, que infelizmente foi adiada. Espero estar lá no ano que vem.

Como lida com a pressão de atuar na seleção brasileira? É um orgulho. Na Copa América do ano passado, muitos torcedores não acreditavam, achavam que não seríamos campeões, alguns nos xingavam. A imprensa também pegava no pé, mas faz parte. O Brasil vai completar vinte anos sem ganhar um Mundial, então temos de aprender a conviver com a cobrança. Entre nós o ambiente é muito bom, todos estão sempre com sorriso no rosto, é um orgulho muito grande vestir essa camisa. Quando estou na seleção, sempre tento levar alegria para o ambiente.

O episódio da caxumba na Copa América, que quase o tirou do torneio, uniu ainda mais o grupo? Sim, foi um momento difícil, mas tive apoio dos companheiros. Fiquei triste, é claro, mas nunca deixei de acreditar. Ia toda hora diante do espelho pra conferir se o caroço diminuía. Voltei em quatro dias, nem os médicos acreditaram. E ainda fiz o gol que fechou o título no Maracanã, foi muito especial.

Na série documental *Tudo ou Nada*, disponível na Amazon Prime Video, que mostra os bastidores dessa campanha, há provocações suas aos argentinos. Você também já trocou farpas com flamenguistas nas redes. Gosta da rivalidade? Isso faz parte do futebol. Fico vendo entrevistas antigas de Romário, Edmundo, e, às vezes, quero fazer igual. Com a Argentina, criamos uma rixa desde quando éramos pequenos, vendo o Galvão Bueno narrar. Por isso falei aquelas coisas. Aqui, a rivalidade entre Liverpool e Everton é enorme também, uma das maiores da Europa, é um jogo pegado, bom de jogar.

Para encerrar, já que você não fica em cima do muro: é mais difícil enfrentar o Liverpool do Klopp ou o Manchester City do Guardiola? O City, porque eles têm muita posse de bola e, se nosso time não se organizar, vai todo mundo correr errado. Sofremos muito contra eles. ■

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

O atacante, ídolo na cidade natal dos Beatles: a rivalidade do Everton com o Liverpool é um modo de não perder a atenção e a competitividade

PARIS NÃO É MAIS UMA FESTA

A pandemia adiou o sonho do craque, que reconquistava a torcida do PSG e caminhava para o inédito título da Liga dos Campeões. Ainda dá tempo, mas os percalços insistem em atrapalhar a carreira do atacante

Luiz Felipe Castro

No Instagram, onde na verdade sempre habitou, o camisa 10 mostra a vida confinada em Mangaratiba: em foto de moda para a edição russa da *GQ;* homenageando Kobe Bryant; no violão; com o amigo Lucas Lima; e na academia de ginástica

FOTOS INSTAGRAM @NEYMARJR

Istambul, 30 de maio de 2020. O plano de vida de Neymar incluía a capital turca, no fim da primavera, palco da final da Liga dos Campeões, como endereço de sua redenção — a definitiva resposta aos torcedores do Paris Saint-Germain, que tinham o brasileiro como atalho para o inédito título europeu. A pandemia adiou os sonhos em todo o mundo, inclusive os de personagens altivos como o atacante que nasceu para ser Pelé mas não chegou lá. Pela seleção, foram duas Copas, em 2014 e 2018, e duas frustrações, embora tenha conquistado a medalha de ouro na Olimpíada do Rio, em 2016. Ganhou a Libertadores pelo Santos, em 2011, a caminho do sucesso no Barcelona, mas na ingrata posição de figura secundária diante de Messi. No PSG, enfim, foi contratado por 222 milhões de euros como ímã, o Rei Sol ao redor de quem tudo giraria. Pelo clube francês fez 69 gols em oitenta jogos — mas, admita-se, é pouco demais.

Por isso o gol marcado contra o Borussia Dortmund, da revelação norueguesa Erling Haaland, na vitória por 2 a 0, assegurando a vaga para as quartas de final do mais badalado torneio do Velho Mundo, deveria ser celebrado como antessala da glória. Mas não, porque ali, naquele já longínquo 11 de março, o surto do novo coronavírus viria a reinventar a história, o esporte, o futebol, como o desmancha-prazeres dos mais ousados anseios. E Neymar, cuja carreira foi interrompida por contusões e marcada por escândalos, como o da acusação de estupro, uma vez mais teve de adiar o que era inadiável. Evidentemente, todos os jogadores sofreram com a interrupção provocada pelo surto — porém, no caso de Neymar, não seria exagero dizer que o Sars-CoV-2 pode ter provocado danos irrecuperáveis, ao menos por ora.

O camisa 10 voltava a namorar a torcida do PSG, depois da fracassada tentativa de retornar para a Catalunha. "Falei muito no passado, agora sou parisiense", garantiu em entrevista à *France Football,* no fim de 2019, explicando sua nova comemoração, na qual pedia silêncio — segundo ele, a si próprio. Desde então, engatara ótima sequência, envolveu-se em menos confusões (com algumas recaídas, afinal, ninguém é de ferro), estreitou laços com colegas e vinha sendo elogiado até mesmo pela exigente imprensa francesa. "Nasce um líder", estampou o diário *Le Parisien.*

Parecia funcionar, até que, na véspera de o presidente Emmanuel Macron decretar o confinamento total, Neymar subiu em seu jatinho privado. Destino: o Brasil. Refugiou-se na mansão de Mangaratiba (RJ), rodeado de amigos e do filho, Davi Lucca. Para ele, seria impossível ficar trancado em Paris, ilhado. O que não significa que tenha descuidado do preparo físico. Entre *lives* sertanejas e rodas de pôquer, treinou duro, diariamente, com o preparador Ricardo Rosa, para retornar em boas condições. "Estou treinando até mais forte, com mais atividades, para compensar a falta de partidas", afirma o atleta. A falta de ritmo de jogo, no entanto, será um empecilho considerável na retomada do acalentado sonho continental, já que a liga francesa foi encerrada, com o time de Neymar, Mbappé, Cavani e cia. declarado tricampeão de forma antecipada — uma decisão vista pelos cartolas da Uefa como "precipitada".

Aos 28 anos, Neymar ainda pode virar a mesa, e das incertezas reconstruir sua trajetória. Há tempo, o mundo não parou infinitamente, mas a pandemia pode ser sinônimo de ilusões perdidas, para usar o título de um dos mais conhecidos romances do naturalista Honoré de Balzac (1799-1850). ■

BRUNO TEIXEIRA/AG. CORINTHIANS

NENHUM DIREITO A MENOS

Os torneios de mulheres viviam um momento de visibilidade e investimento, mas aí veio a pandemia. Embora realistas, os times e as jogadoras do Brasil sabem que não podem aceitar a crise parados

Olga Bagatini

O 16 de novembro de 2019 foi um marco para o futebol feminino do Brasil. Naquele dia houve o maior público da história para uma partida entre clubes no país: 28 862 pessoas acompanharam a vitória do Corinthians sobre o São Paulo na finalíssima do Campeonato Paulista, em Itaquera. A pandemia, infeliz e tristemente, puxou o freio de mão no melhor momento da modalidade. Apesar do receio de que a paralisação em um momento tão promissor possa pôr em xeque as conquistas obtidas nos últimos anos, o clima ainda é de relativo otimismo — muito longe, portanto, da sensação de terra devastada.

A recessão econômica virá para todos, mas os clubes e as federações ouvidos por PLACAR foram unânimes ao afirmar que percebem o crescimento do futebol feminino como um caminho sem volta. Entre os chamados times "de camisa", aqueles ligados aos grandes clubes do país, a principal preocupação está ligada ao marketing. Para o São Paulo, é perturbadora a interrupção no momento em que os torneios voltaram a ser televisionados e criavam uma nova e apaixonada legião de espectadores. Atual campeão estadual e da Libertadores, o Corinthians prevê uma desaceleração natural do crescimento, mas aposta no esforço conjunto dos dirigentes e dos patrocinadores para a manutenção das bases estabelecidas antes da eclosão do novo coronavírus. No Vitória, da Bahia, que sofre com problemas financeiros e fala em "trabalho dobrado" para manter a estrutura, a esperança está atrelada à intervenção da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para manter a máquina em funcionamento.

Final do Campeonato Paulista entre Corinthians e São Paulo, em Itaquera, no ano passado: recorde de público, com mais de 28 000 pessoas

Até agora, a CBF ofereceu cerca de 3,7 milhões de reais — 120 000 para os dezesseis times da elite e 50 000 para as 36 equipes da segunda divisão, valor equivalente a duas vezes a folha salarial média das atletas. O problema é que a liberação da verba não está condicionada ao uso exclusivo no departamento feminino. Foi somente depois de algumas denúncias que a entidade nacional passou a exigir a prestação de contas da destinação do dinheiro. Por enquanto, nenhum dos 52 times que disputam as séries A1 e A2 do Brasileiro pediu dispensa das competições. Segundo as próprias equipes, o supervisor nacional da modalidade, Romeu Castro, mantém contato frequente com os clubes. "O futebol feminino é uma prioridade", diz o secretário-geral da CBF, Walter Feldman (sem detalhar quantas outras prioridades existem).

Desde o bom desempenho da seleção na Copa do Mundo da França, no ano passado, o presidente da CBF, Rogério Caboclo, tem se mostrado alinhado com as diretrizes da Fifa no desenvolvimento do futebol de mulheres, com a reestruturação das seleções de base e a criação de competições. É um fenômeno global. Ao jornal inglês *The Guardian*, um porta-voz da Fifa afirmou que o investimento de 1 bilhão de dólares prometido até 2022 não será revisto depois da pandemia. A postura é inédita e inspira real animação até para quem se acostumou às intempéries. Aline Pellegrino, ex-capitã da seleção brasileira e atual diretora da Federação Paulista de Futebol (FPF), acredita que é justamente essa resiliência do futebol feminino que facilitará a adaptação ao novo cenário. "A torcida estará sedenta por consumir futebol. As empresas, com menos recursos em decorrência da crise, terão de buscar alternativas para atrelar suas marcas. Vai ter muita oportunidade e devemos estar preparadas", diz.

Enquanto a bola não volta a rolar, gestores quebram a cabeça em busca de soluções criativas para o tempo "ocioso". O Estado de São Paulo largou na frente. A FPF tem realizado uma série de eventos virtuais, como palestras sobre educação financeira, direito desportivo e saúde mental. Tudo para engajar seus afiliados diante da nova realidade. Além disso, em parceria com a federação carioca, organizou o Summit Rio-SP para debater propostas e soluções para o esporte feminino. Seguindo a febre das *lives,* a Ferroviária, de Araraquara, a atual campeã brasileira, marcou um bate-papo virtual de suas atletas com a técnica da seleção, a sueca Pia Sundhage. Diante de tantas incertezas, o plano é apertar o cinto e passar por 2020 pensando na reestruturação. E nenhum direito a menos. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

PHOTOQUEST/GETTY IMAGES

FIFA

BRUNO VEIGA/STRANA

AMAZON PRIME VIDEO

ARTUR FRANCO

ACERVO PESSOAL

O VÍRUS QUE PAROU TUDO

A *Influenza hespanhola*, como grafavam os jornais de 1918, interrompeu o nascente futebol em todo o mundo, e também no Brasil. É possível extrair algumas lições daquela triste temporada

Moreno Bastos

Em 6 de outubro de 1918, Fluminense e Flamengo empataram em 2 a 2 pelo Campeonato Carioca. O Flu havia sido campeão no ano anterior, tinha se reforçado e estava com a mão na taça. Cara nova, o atacante Archibald William French, canhoto nascido na Inglaterra, já havia marcado seis gols em doze jogos pelo tricolor. Naquele mesmo dia, o São Cristóvão encarou o Bangu. O meia João Cantuária não se sentia bem, mas jogou até o fim no empate em 1 a 1. Menos de três semanas depois, French e Cantuária estavam mortos. A causa: *Influenza hespanhola,* como diziam os jornais da época.

Há 102 anos o mundo sofreu uma pandemia que, do ponto de vista estatístico, foi muito maior que a do novo coronavírus. A gripe espanhola matou de 20 milhões a 50 milhões de pessoas, entre 1918 e 1920. Foram cerca de 500 milhões de contaminados. A doença desembarcou no Brasil em meados de setembro, a bordo do navio inglês *Demerara.* O surto teria começado em março, nos Estados Unidos, e chegou à Europa com os soldados americanos enviados para lutar na I Guerra

GAZETA DE NOTICIAS

O RIO É UM VASTO HOSPITAL!

A invasão da influenza hespanhola

O povo soffre os horrores da exploração

A desidia criminosa do governo

Não ha medicos, não ha remedios

Soccorro!

E' preciso demittil-o!

A GRIPPE E O FOOT-BALL

Communica-nos o sr. secretario do C. A. Avenida que, á vista da epidemia reinante, a directoria daquelle club resolveu suspender os treinos e jogos de foot-ball, por tempo indeterminado, bem como transferir os ensaios de ping-pong, que se effectuam á noite, para de dia.

DIVULGAÇÃO

O Fluminense levantou a taça em 1919, depois de decretado o fim da pandemia que assustou o Brasil e estampava as manchetes *(acima)*. O atacante Archibald French morreu em decorrência da gripe

Mundial. Houve censura de informações sobre a gripe “para não assustar” a população e as tropas. Neutra na guerra, a Espanha permitiu a circulação das notícias — e, por isso, batizou a pandemia.

“É lastimável que a *Influenza hespanhola* tivesse atacado tão rudemente os sportsmen do scratch carioca”, dizia o *Jornal do Brasil* em 14 de outubro de 1918, a propósito do 5 a 0 da seleção paulista sobre a carioca. O campeonato do Rio havia sido suspenso um dia antes. Era tarde demais.

Por todo o país havia corpos abandonados nas calçadas, faltavam caixões e a polícia caçava homens fortes o suficiente para abrir covas, pois os coveiros estavam doentes ou tinham morrido. Espalhavam-se promessas de cura: uma delas, cachaça com mel e limão (suposta origem da brasileiríssima caipirinha).

Além do habilidoso French, enterrado em 29 de outubro, o Fluminense velou 24 associados. Vários jogadores, entre eles o goleiro Marcos de Mendonça e o atacante Welfare, se recuperaram. Cantuária, falecido em 25 de outubro, era ídolo do São Cristóvão. No fim dos anos 1940, ele foi eternizado no hino de Lamartine Babo: “Estimulam tua fibra extraordinária / Os grandes feitos do saudoso Cantuária”. América, Bangu, Villa Isabel e Ypiranga também tiveram baixas. Ao se recuperar da doença, o flamenguista Píndaro teria cuidado de enfermos. Ele também era médico sanitarista.

O Campeonato Carioca recomeçou depois de 56 dias. Faltavam duas rodadas, e o Flu levantou a taça com um 2 a 0 diante do Mangueira, em 8 de dezembro. Bicampeão, o time homenageou French. Não havia clima para festa; o Rio estava devastado. No total, 15 000 mortos e 65% da população de quase 1 milhão de habitantes contaminada. Eleito presidente do Brasil pela se-

gunda vez, meses antes, Rodrigues Alves foi uma das vítimas.

São Paulo também sofreu com a epidemia; entre 2 000 e 5 000 pessoas morreram na cidade. Durante a interrupção do torneio, as sedes do Paulistano e do Palestra Itália serviram de enfermaria. Em dezembro, foram disputados apenas os jogos que envolviam os times na luta pelo título. A Associação ficou em terceiro lugar, ao perder por 7 a 0 do Paulistano, de Friedenreich, na última rodada, em janeiro de 1919. No Rio Grande do Norte e no Rio Grande do Sul a epidemia arruinou os primeiros jogos estaduais. No Potiguar, faltava apenas uma partida, e o Natalense era o favorito. Mas o campeonato foi suspenso e não houve vencedor. No Sul, a disputa nem começou. Brasil de Pelotas, Cruzeiro e 14 de Julho, que fariam um triangular, ainda reivindicam a taça, orgulhosa e avidamente, mais de 100 anos depois.

Máscaras, corpos, drama: de 20 milhões a 50 milhões de mortes em todo o mundo *(na foto, cena nos Estados Unidos)*

A "epidemia reinante", involuntariamente, foi fundamental para a primeira grande conquista da história da seleção brasileira. Marcada para o Rio, em novembro de 1918, a terceira edição do Sul-Americano foi adiada em cima da hora e remarcada para maio seguinte, o que garantiu mais tempo para a preparação. Depois do Carnaval épico de 1919, respiro como resposta à tragédia, os cariocas encheram o reformado Estádio das Laranjeiras para acompanhar os jogos. Na final, o Brasil não se intimidou diante do bicampeão Uruguai e venceu, com um gol de Friedenreich. "Fried" virou herói nacional e as ruas do Rio transbordaram de alegria. Não havia mais medo da gripe espanhola e o futebol, enfim, começava a se popularizar.

"FUTEBOL ERA BOM"

O jornalista e escritor Wagner Barreira finaliza o romance Demerara *– referência ao nome do navio que, em 1918, teria trazido a gripe espanhola para o Brasil. É a história de um órfão que vivia de "trampas" no Porto de Vigo, embarcou para a América e teve a má sorte de compartilhar a travessia com o vírus. No trecho a seguir, o protagonista, Bernardo, já estabelecido em São Paulo, encontra vaga no time do bairro, o Clube Atlético Osasco, fundado em 1914. O romance histórico será lançado em outubro pela Editora Instante.*

"Eu andava pelos bares. Tinha encontrado outros galegos no bairro que gostavam de baralho, e os armênios Hagop e Dicran eram bons amigos de copo, mesmo sendo de outra colônia. Até tentei uma vaga no Atlético, o escrete dos italianos. Quem mandava era um tal Colino. Tinha copiado o uniforme da Internazionale de Milão e só os amigos entravam no time – a mãe costurou o fardamento e bordou a bandeira do clube. Mas, como nem todo carcamano sabe jogar bola, ainda que pense que saiba, sobravam umas vagas de vez em quando. Pedi para jogar

PHOTOQUEST/GETTY IMAGES

Era eco do imenso sucesso do esporte na Europa, que por pouco não foi ferido de morte. Antes da epidemia, o futebol já havia sido desmantelado pela guerra deflagrada em 1914. E então veio a chamada "morte azul", com mais de 1 milhão de vítimas no Velho Continente, entre elas o escocês Angus Douglas, do Newcastle United, que morreu um mês depois do armistício, em 1918, e o ponta Jack Allan, que atuou no corpo médico na guerra, mas foi pego pelo vírus em maio de 1919.

Não era fácil fazer a bola correr. Na Espanha, os cartolas do Barcelona convenceram o governo a não cancelar os jogos do Campeonato Catalão. Quem ficou doente foi o rei Alfonso XIII. Aficionado do futebol, foi ele quem permitiu aos clubes agregar o termo "real" aos nomes. Caso o rei tivesse sucumbido à gripe, o todo-poderoso Real seria, possivelmente, apenas Madrid. ■

REPRODUÇÃO

Ao atracar no Porto do Recife, em 14 de setembro de 1918, o transatlântico inglês *Demerara*, vindo da Inglaterra e de Portugal, com breve parada em Dacar, no Senegal, trouxe para o Brasil a triste pandemia

de full back, fubeque, defesa pela esquerda. Sabia, de ver os jogos do sport e dos aspirantes, que o ataque tinha dono. Nem brasileiro jogava por ali, só a italianada.

Fui chamado em alguns domingos, a sede do clube ficava na minha rua e, no bar ao lado, uma lousa registrava os próximos matchs – como eles escreviam – e a escalação dos dois quadros. Sempre tomava a última lá antes de entrar em casa e cavei um lugar. Não era nada parecido com o futebol na Galícia, onde jogava com ingleses e alemães. Falava-se pouco, ninguém reclamava e todos sabiam onde ficar em campo. No Atlético, todo mundo corria na mesma direção e você apanhava desde a primeira vez que tocava na bola — e nem sempre tinha juiz. Lá, os ingleses tratavam o futebol como 'jogo de cavalheiros', aqui o que mais ouvia é que era 'jogo para homem'. Fui me acostumando. De vez em quando, arriscava uns chutes fortes de longe e calhava que alguns entravam no gol. Mas, sempre que o goleiro pegava ou quando ia para fora, tinha de ouvir a conversa dos fratelli na orelha. Reclamavam de tudo, todos queriam a bola ao mesmo tempo. Não gostava do time, mas sempre aparecia quando convocado. Saía de lá esfolado, com as pernas roxas, lama dentro do nariz, as orelhas quentes com as queixas dos italianos, exausto e feliz. Futebol era bom."

A TRAGÉDIA QUE CHOCOU O MUNDO

O Torino era tetracampeão italiano e o melhor time da Europa. Após um amistoso em Lisboa, o avião com os jogadores caiu e todos morreram, deixando a Itália sem meia seleção para disputar a Copa de 50

ARQUIVO/TORINO FC

Fundado em 1906, o Torino FC conquistou seu primeiro Campeonato Italiano na edição de 1927/1928. Quinze anos depois, durante a II Guerra, montou seu time mais famoso. Conquistou o *scudetto* em 1942/1943 e, apesar de o torneio ter sido interrompido pelas batalhas nas duas temporadas seguintes, manteve a força e reinou no país por mais três anos: 1946, 1947 e 1948. Em 30 de abril de 1949, o tetracampeão empatou com a Internazionale e manteve-se 4 pontos à frente do time rival. Faltavam apenas quatro rodadas para o fim da disputa e o Torino tinha tudo para confirmar mais um título (o que acabou acontecendo).

A esquadra de Turim era talvez a melhor equipe da Europa na época. Seis de seus jogadores eram titulares da seleção italiana, que se preparava para disputar a quinta Copa do Mundo, marcada para o Brasil, em 1950. Mas uma tragédia impediu os craques de representarem a Azzurra no Mundial. Em 4 de maio de 1949, um dia após o Torino perder um amistoso para o Benfica por 4 a 3, em Lisboa, o avião do time não conseguiu pousar de volta na Itália. Por causa do nevoeiro, perdeu a altitude e chocou-se contra o muro da igreja de Superga, localizada numa colina a 15 quilômetros do Aeroporto de Turim. Dezoito jogadores, incluindo as estrelas Bacigalupo, Ballarin, Rigamonti, Castigliano e Valentino Mazzola (ídolo, goleador e capitão da equipe), morreram na hora, junto com outros treze que estavam a bordo — comissão técnica, dirigentes, jornalistas e tripulantes. O funeral parou o país. Com medo de novo acidente, a federação italiana decidiu vir para a Copa de navio. A viagem de duas semanas prejudicou a preparação física da seleção, eliminada na primeira fase: venceu o Paraguai por 2 a 0, mas havia perdido para a Suécia por 3 a 2 na estreia. O Torino segue, até hoje, reverenciado como um grande time que não pôde seguir encantando o planeta. ■

ARQUIVO/TORINO FC

Os destroços do avião ao lado da Basílica de Superga e a multidão no último adeus aos jogadores: 500 000 pessoas nas ruas de Turim

ARQUIVO/TORINO FC

FIFA

1950: sem os craques da trágica equipe e com medo de novo acidente, a Itália veio de navio. Foi eliminada na primeira fase

O esquadrão do Torino, com a tradicional camiseta grená e o *scudetto* com a bandeira italiana no peito: o time havia sido campeão em 1942/1943 e, mesmo com a interrupção do Campeonato Italiano por dois anos, por causa da guerra, ganhou as quatro edições seguintes, incluindo a de 1948/1949, que só terminou após o terrível acidente aéreo

PAIXÃO ATÉ DE PÉS

DESCALÇOS

Em tempo de quarentena, sem ter como ver futebol ao vivo, vale reler uma reportagem de 1973 sobre um domingo inteiro dedicado à bola, à amada bola, de Norte a Sul do Brasil

A edição de PLACAR "Domingo é dia de bola" foi publicada em janeiro, mês de férias dos jogadores. Revelava a rotina de torcedores e, principalmente, de boleiros amadores, em campos de terra *(à esq.)* e também na areia das praias

ZEKA ARAUJO

Desde março, praticamente não há mais futebol ao vivo no mundo. Apenas alguns países de pouca relevância no planeta bola mantiveram os calendários originais. Em maio, voltou o Campeonato Alemão. E agora, em junho, outros países (como Inglaterra, Espanha e Itália) prometem retomar suas competições *(leia reportagem na pág. 22).* Todos os jogos com portões fechados, sem torcedores. No Brasil, vários clubes voltaram aos treinamentos — e seguem as negociações para tentar reiniciar os estaduais, um tanto na marra, irresponsavelmente, apesar do avanço da pandemia, com o número de casos e mortes pela Covid-19 ainda crescente.

Em janeiro de 1973, mês de férias dos jogadores, PLACAR publicou uma reportagem de capa mostrando diversas facetas da nossa paixão pelo futebol. Um mês antes, num domingo, uma grande equipe de repórteres e fotógrafos foi às ruas e aos estádios para acompanhar torcedores, vendedores ambulantes e boleiros amadores em todo o país. Citando Mário Filho (1908-1966), o jornalista que dá nome ao estádio do Maracanã, a revista sentenciou: "O brasileiro pode estar impecavelmente vestido para uma solenidade, sapatos engraxados, companhias elegantes e respeitosas, mas, se inesperadamente surgir uma bola à sua frente, ele não vacila: chuta com a emoção de quem o faz para o gol". Em tempo de necessária quarentena, em que só nos restam as mesas-redondas e as reprises de velhas partidas, reproduzimos a seguir trechos daquela bela reportagem sobre "Um Domingo no Futebol do Brasil".

GOLEIRO E PREFEITO

Pirassununga, 8h53: até o dia 15 de novembro de 1972, Tatalo vivia sua vida mansa de goleiro do C.A. Pirassununguense, de advogado, estudante de sociologia e feliz proprietário de um clube de pesca e de um hotel. Para seus colegas de equipe, era Tatalo, ô cara, ô você — isso, fora de campo. Com a bola rolando, depois de um frango, o tratamento era mais grosso.

Os adversários podiam agredi-lo, xingar sua mãe. O mesmo fazia a torcida, que também podia lhe jogar pedras, garrafas, postar-se atrás de seu gol para azucriná-lo, como acontece em qualquer jogo do interior.

E agora? Agora, Tatalo é o prefeito de Pirassununga, eleito com 11 736 votos, mais de 80% dos eleitores inscritos. E agora?, perguntam-se seus colegas de time, os técnicos, os dirigentes. Afinal, não fica bem chamar um prefeito por um palavrão qualquer. Mas, para todos, muito humilde, Tatalo responde:

"Jogo futebol por amor, como a maioria dos meus colegas de time. Jogamos de graça. Algumas vezes até ajudamos o clube. Olha, não publica isso. Portanto, minha eleição não vai mudar nada. A torcida adversária pode continuar a me xingar, meus colegas podem continuar a me tratar de você. O técnico sabe que pode me barrar a qualquer hora. Eu continuo sendo Tatalo".

De Roraima ao Rio Grande do Sul, do Acre à Paraíba,

UM DOMINGO NO FUTEBOL DO BRASIL

O alambrado protege os canecos. Mas não impede a invasão dos torcedores na festa do Pirassununguense

O dia 3 de dezembro foi um domingo como outro qualquer. Com a diferença de que Placar o escolheu, aleatoriamente, para retratar o que é um domingo no futebol brasileiro. Dezenas de repórteres, correspondentes e fotógrafos foram mobilizados. Daqui até a página 23 contamos uma parte daquilo que vimos, o suficiente para confirmar a suspeita (sempre presente) de que o Brasil, sem dúvida, é redondo como uma bola de futebol. Especialmente aos domingos.

10 PLACAR

OLHA A BANDEIRA: VAI HAVER JOGO

NO SOL OU NA CHUVA, A HORA DO PELADEIRO

ALMOÇAR, TOMAR SUA CERVEJA, ESPERAR

à bola rola sem parar pela grama, a areia e a terra

Uma clareira no mato, seis ripas, uns com, outros sem camisa, tanto basta. Já a bola exige muito capricho.

NA PRAIA, SÓ À TARDE

Rio, manhã de sol e praia. No alto do pequeno morro, a rua do Jogo da Bola — monumento tombado pelo Patrimônio Histórico — apresenta um movimento diferente das peladas de sempre. A montagem das barraquinhas para a quermesse de Nossa Senhora da Conceição transferiu a rodada do campeonato do morro.

À mesma hora, no campo de terra ao pé do Morro do Borel, na Tijuca, o time do Morro do Pinto não apareceu para enfrentar o Lunik, que deu o primeiro passo para conquistar o prêmio do torneio-relâmpago: um leitão bem assado. Seus jogadores foram comemorar a vitória fácil com umas cachacinhas na birosca, só o técnico fica preocupado com as possíveis consequências da bebedeira no estado físico dos atletas. Naquele momento, o time do União da Tijuca 1º, principal equipe da Escola de Samba Unidos da Tijuca, entrava em campo para derrotar o Flor da Mina. Quando a turma se preparava para o terceiro jogo, caiu um pé-d'água daqueles de arrasar. Su-

A reprodução das páginas originais da revista: numa época em que, por questões técnicas, a maior parte das fotos tinha de ser publicada em preto e branco, o time de repórteres e fotógrafos passou um dia inteiro nas ruas acompanhando peladeiros e ambulantes na várzea e nos estádios

O GOLEIRO-PREFEITO

AGORA NÓS TORCEMOS, ELES JOGAM

O NOVO MILÉSIMO

AS ALEGRIAS, AS QUEIXAS, O VÍDEO-TAPE

miram os times, sumiu o campo e sumiu até o leitão.

Mas o Rio é engraçado, pode chover paca na Tijuca, junto à montanha e à floresta, e fazer um sol de rachar nas praias. Foi o que aconteceu nesse domingo, de manhã. Só que o futebol é proibido nas praias antes das 14 horas. Então o pessoal de Copacabana inventou o futevôlei, jogado com os pés e a cabeça numa quadra de vôlei com rede e tudo.

No Aterro, as peladas não param. Estatísticas extraoficiais mostram que pelo menos 1 400 peladeiros utilizam os vários campos aos domingos, dando de viver a uma frota de vendedores de sorvetes, refrescos, sanduíches e cafezinho.

O MEIA-ESQUERDA E A LAVADEIRA

Porto Alegre: recém terminou o jogo dos meninos no Jardim Sabará, bairro operário. O Vasco ganhou de 3 a 2 do Colorado e a garotada está mudando de roupa num casebre de 4 por 5 metros, os dois times separados por uma velha mesa de pingue-pongue. O último a sair é Rubens, 11 anos, meia-esquerda do Vasco, com o saco dos uniformes. "É para minha mãe lavar. Ganha 45 contos por mês com isso." O técnico Lê diz que a maioria dos meninos gostaria de levar os uniformes para casa, ajudando a família a ganhar mais um dinheirinho, mas o negócio foi decidido na competência (não da lavadeira). "O Rubens é o melhor do time."

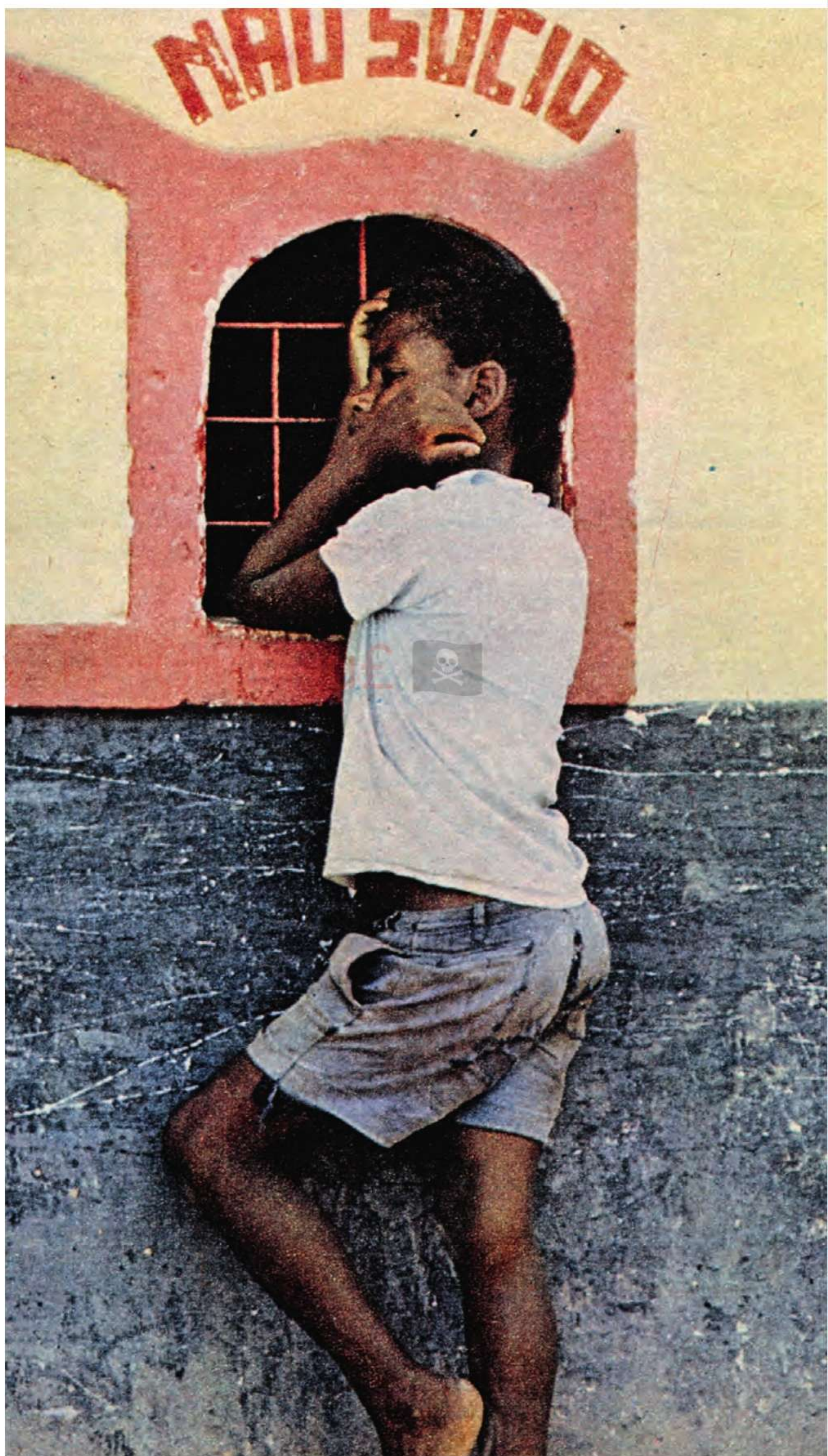
LÁ VEM O BRASIL, DESCENDO A LADEIRA

Belo Horizonte: João Lobeira dá instruções ao time — o Unidos Vera

CHICARINO

No Rio de Janeiro, um menino aguarda em frente à bilheteria: era comum os portões serem abertos no intervalo para quem quisesse ver o segundo tempo

OLIVIO LAMAS

ARTUR FRANCO

Fim de jogo, é hora de se amontoar como for possível para voltar para casa; na lama, a bola parece brilhar num campo de várzea da periferia de Porto Alegre: com chuva ou com sol, o futebol é sagrado

Cruz — antes do jogo com o Estrela de Ouro, dirigido por seu inimigo Tizinho. Sua preocupação é saber se vão jogar o primeiro tempo em cima ou embaixo, pois o campo é uma tremenda ladeira. “Se a gente atacar para baixo, joga bem aberto, com os pontas indo à linha de fundo. Se perder no par ou ímpar, o jeito é ficar na retranca.”

O ARTILHEIRO QUE NÃO DEIXA PASSAR NADA

Recife: o comerciário João Rodrigues do Nascimento, conhecido na várzea como Jaboti, aguarda com os companheiros do Olímpico a chegada da equipe da Companhia Telefônica de Pernambuco (CTP) para um amistoso. Jaboti joga no ataque e está sempre metendo seus golzinhos. Mas o time da CTP chegou desfalcado e, para não melar a pelada, Jaboti foi parar no gol inimigo. E é para vocês verem que o brasileiro gosta mais do futebol do que do seu time: Jaboti fechou o gol e a CTP ganhou.

O FAMOSO MUDO DO PALÁCIO

Florianópolis: Jeventino Pedra, o famoso mudo do Palácio do Governo, já voltou da missa mas não tirou seu terno azul, que só despe na hora de dormir. Na lapela, três escudos: o do Figueirense, o do Botafogo do Rio e o da santa de sua devoção. Como hoje não há futebol em Santa Catarina — o estado está assolado por temporais e inundações —, Jeventino cuida apenas de se preparar para ouvir, pelo rádio, América (MG) x Botafogo.

DA ARQUIBANCADA, O JUIZ APITA

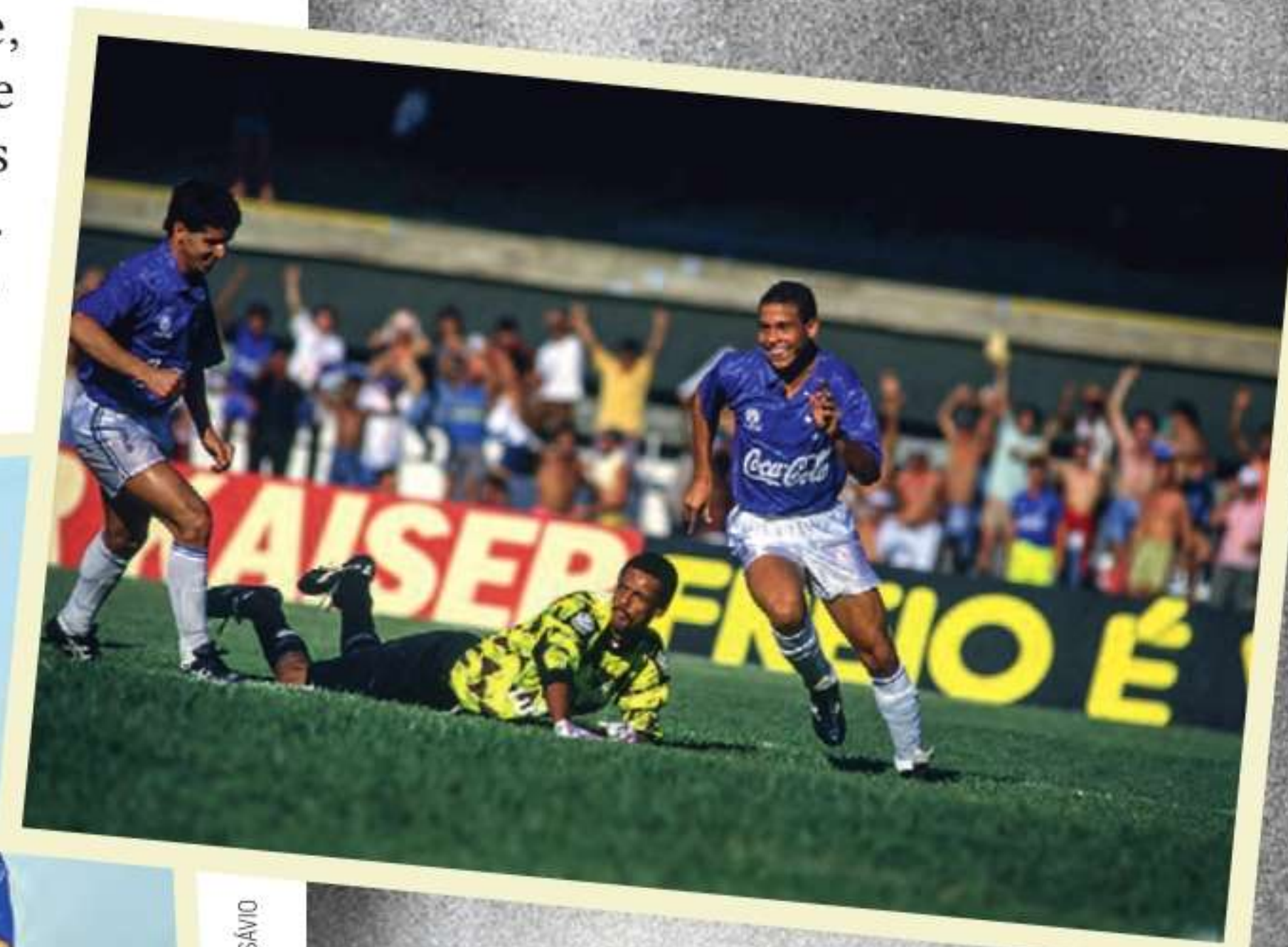
Maceió: o jogo era para ser de manhã, mas os roupeiros dos dois times faltaram (depois esclareceu-se que eram flamenguistas fanáticos e o rubro-negro jogou na cidade naquele domingo) e os atletas do Sete Coqueiros e do Alegria ficaram esperando. Quando resolveram entrar em campo, o sol já estava bem alto. Lá estavam os caras de calça comprida e sem camisa, ou de bermuda e camisa esporte, perseguindo a bola à espera do apito final do juiz José Geoberto Miranda, que atuou da arquibancada sob a alegação de que estava muito quente e que jogo sem uniforme era palhaçada mesmo.

SEMPRE UM GRITO DE ALEGRIA NO AR

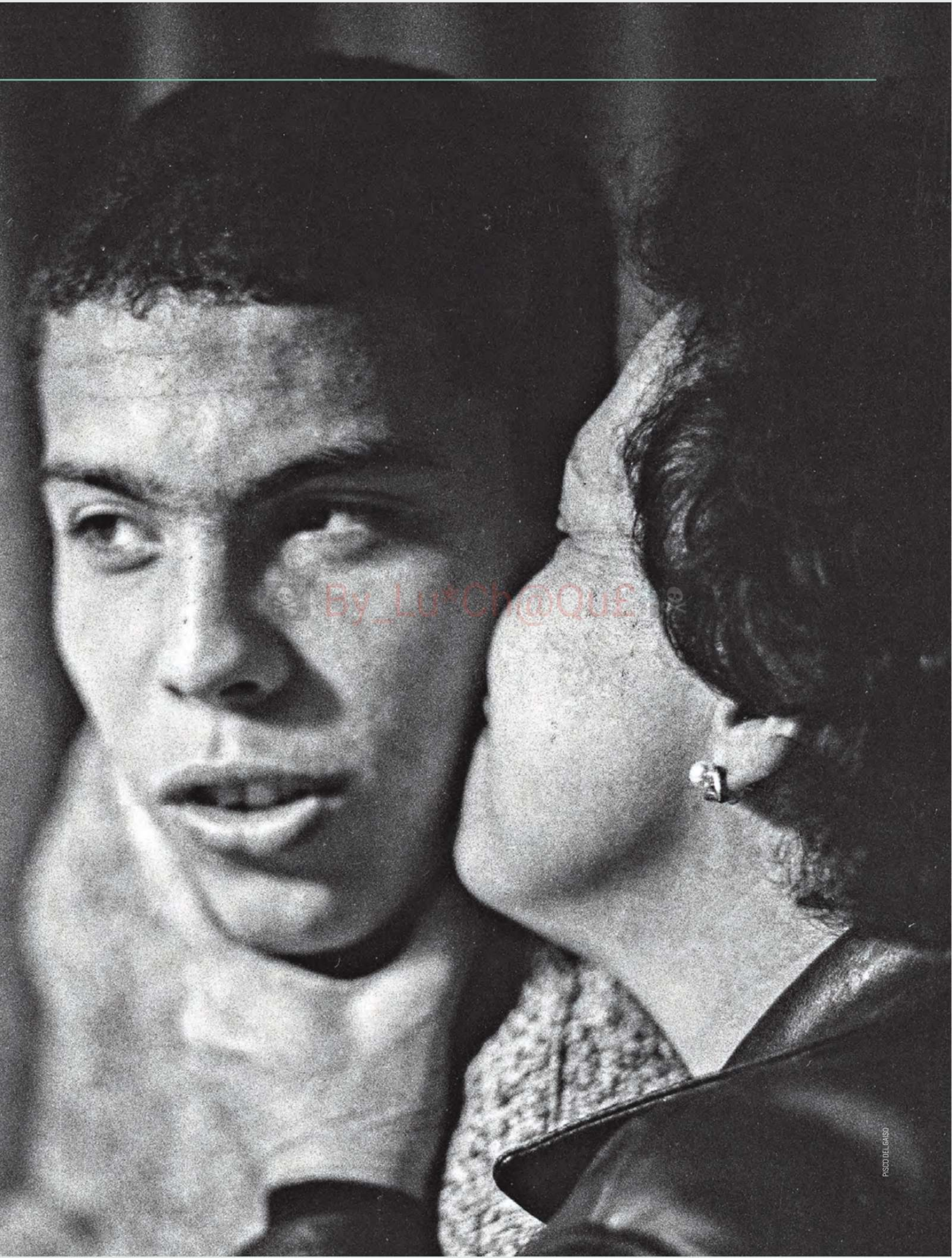
São Paulo: na boca da noite, o vendedor de sorvetes Viriato Vera, tratado na várzea como Índio, por ser descendente dos caiuás, de Mato Grosso, diz que já vendeu mais de quinhentos sorvetes por semana nos campinhos, mas sabe que cada vez vai vender menos. “Os campos estão acabando. Ouvi dizer que vão fechar mais dois, para construir um prédio.” Pode ser que os campos acabem, mas o futebol resiste. É como diz Pedro Amorim, ex-craque do Fluminense, hoje fazendeiro na Bahia. “A gente liga o rádio ou a televisão e tem sempre um golzinho no ar, de manhã, de tarde e de noite. Especialmente aos domingos.” ■

ESTRELA DESDE O COMEÇO

Ronaldo, mais tarde rebatizado de Fenômeno, nasceu para o futebol "por cima". Com 16 anos já era titular do Cruzeiro, esteve na Copa de 1994 com 17 e foi vendido à Europa no mesmo ano. Craque no PSV e nos rivais Barcelona e Real, Inter e Milan, foi o herói da conquista do penta, em 2002. Nas páginas de PLACAR ele sempre foi grande — nem deu tempo de ser promessa

Falar sobre Ronaldo "antes da fama" é quase uma contradição — será que ele teve mesmo uma vida distante dos holofotes, confinado antes do sucesso? Não. O craque da camisa 9 praticamente nasceu como estrela do futebol. Tinha apenas 16 anos quando trocou o São Cristóvão, do Rio de Janeiro, para se tornar profissional no Cruzeiro, de Belo Horizonte, em 1993. No início daquele ano, o jovem atacante estivera com a seleção brasileira no Sul-Americano Sub-17, realizado na Colômbia. O Brasil terminou em quarto lugar e ficou fora do Mundial, mas ele foi o artilheiro do torneio, com oito gols. E PLACAR, desde então, nunca mais o perdeu de vista. Em setembro, na edição que anunciava o início do Campeonato Brasileiro, Ronaldo aparece na clássica pose do time titular cruzeirense. A raposa acabaria em quarto lugar no Grupo A, sem alcançar vaga para a segunda fase, mas o garoto magrelo e dentuço caiu nas graças da torcida e da imprensa. Na edição de 1º de janeiro de 1994, PLACAR senten-

EUGÊNIO SÁVIO

RONALDO GUIMARÃES

Ronaldo, na pose clássica do time em campo, em sua primeira vez na PLACAR, jogando pelo Cruzeiro, em 1993 *(à esq.)*, marcando gols *(acima)* e com a mãe, na Holanda, em 1995: uma vida na ribalta

ciou: "Frio como um veterano, Ronaldo contagia o Brasil com alegria e muitos gols".

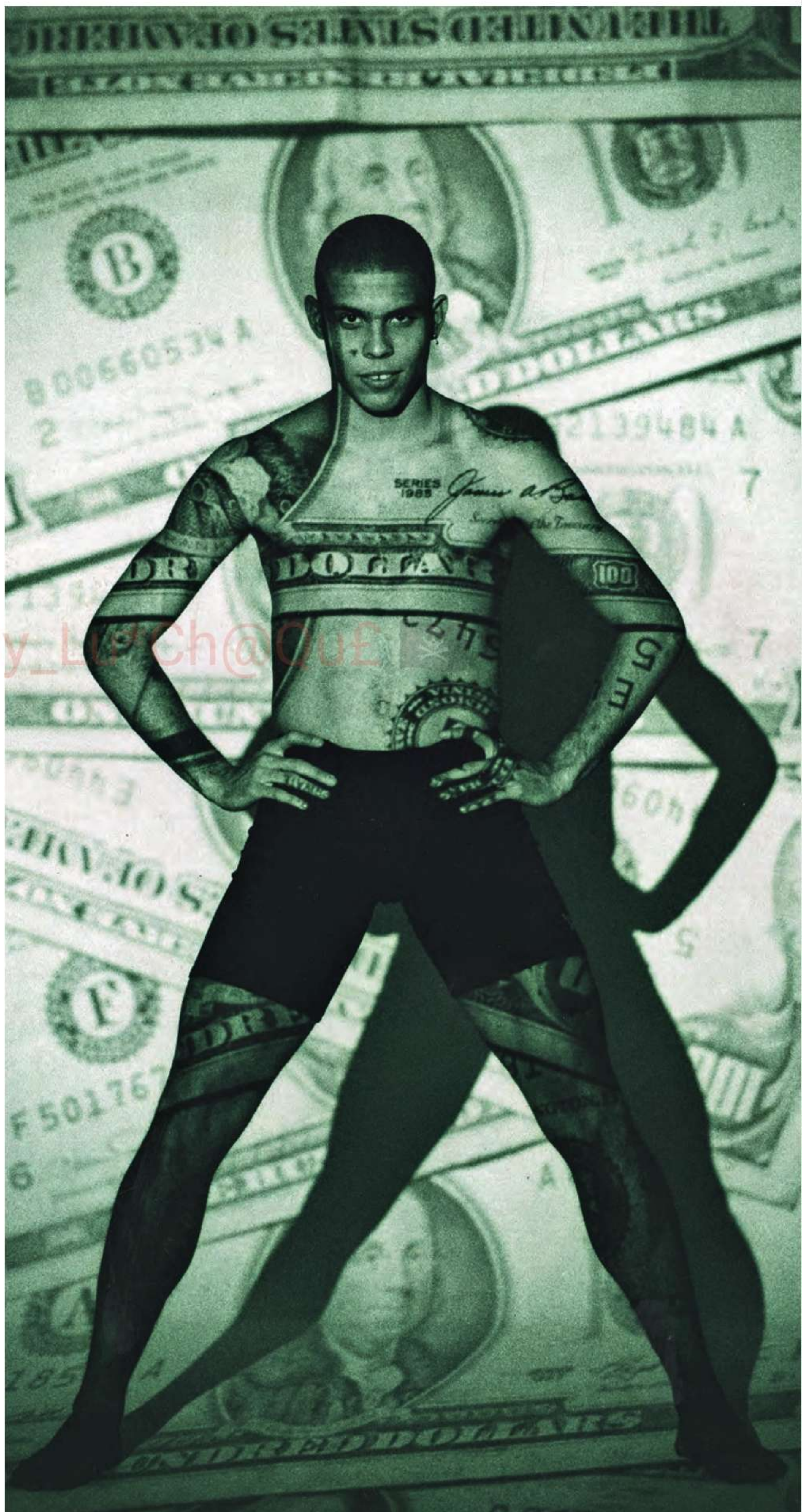
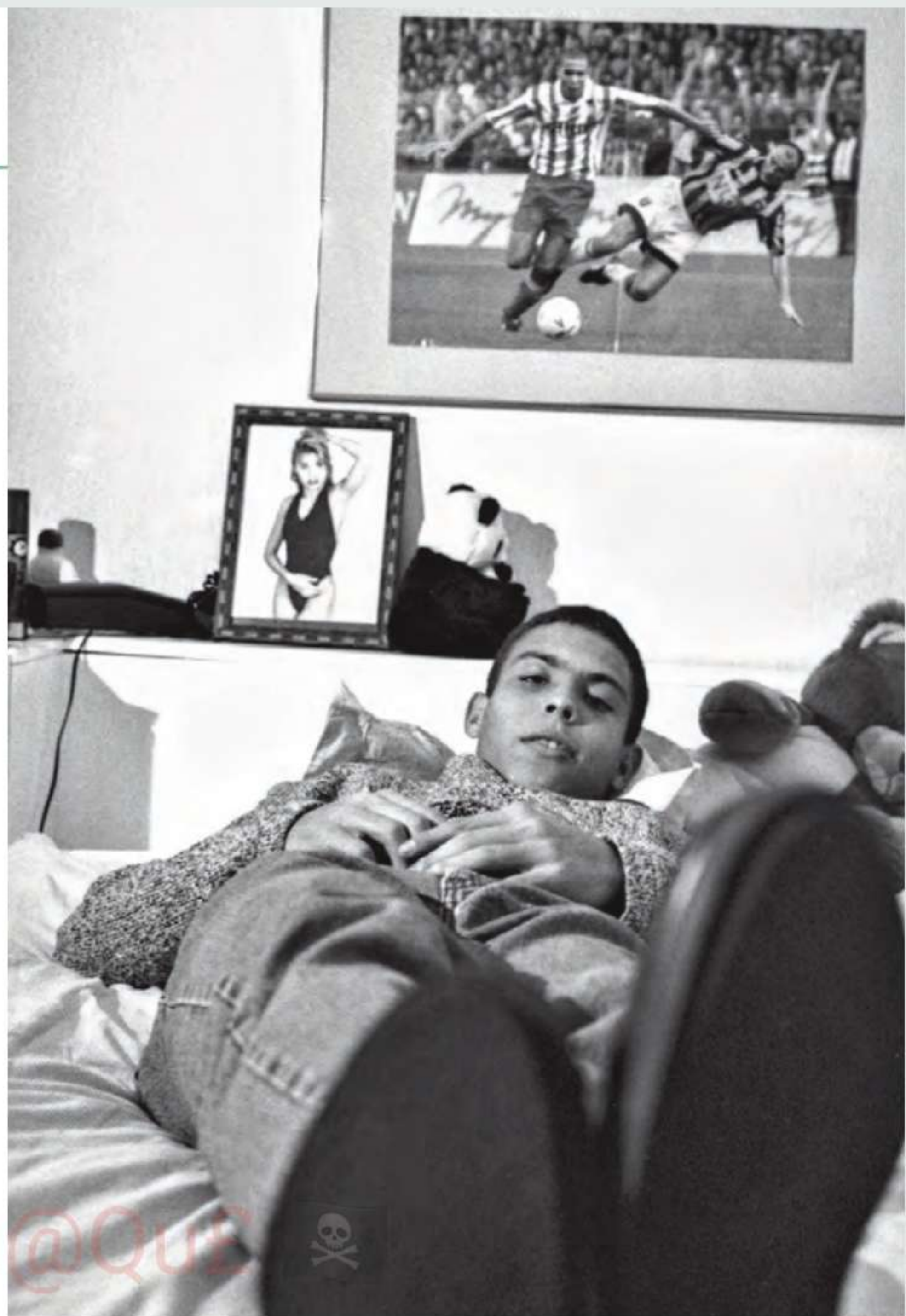
No texto, o menino nascido em 22 de setembro de 1976 no hoje famoso bairro de Bento Ribeiro, no Rio, era lembrado por ter feito doze gols em catorze jogos no Brasileirão de 1993. Como escreveu a revista, gols "de todas as maneiras; até mesmo roubando, com a sutileza de um batedor de carteiras, uma bola dominada pelo experiente goleiro Rodolfo Rodríguez, do Bahia". Era a quinta vez que ele anotava naquela partida, que acabaria com o placar de 6 a 0 para o Cruzeiro e transformaria Ronaldo em estrela nacional — um fenômeno em construção. Tanto que o técnico Carlos Alberto Parreira o chamou para um amistoso da seleção contra a Argentina, em março, e para outro contra a Islândia, em maio — quando anotou pela primeira vez com a camisa verde e amarela entre os profissionais.

Pouco antes, em abril, PLACAR havia feito uma pesquisa com torcedores de diferentes cidades para identificar o "time ideal" para a Copa do Mundo, que seria disputada a partir de 17 de junho nos Estados Unidos. Em Belo Horizonte, 38% dos atleticanos entrevistados disseram que Ronaldo deveria ir ao Mundial. "Os atleticanos me param na rua para conversar. Eles gostam de mim", afirmou Ronaldo à revista. Com apenas 17 anos, ele foi inscrito com a camisa 20 (disputava a vaga com Evair). Nos Estados Unidos, não entrou em campo nenhuma vez, pedia para dar entrevista aos jornalistas. Um tantinho constrangido, mas sempre sorridente, ganhou a medalha de tetracampeão do mundo, depois

BRUNO VEIGA/STRANA

Em janeiro de 1996 seu passe já estava avaliado em cerca de 20 milhões de dólares: no estúdio, a foto de milionário com "cara de mau", que ele não tinha

FOTOS PISCO DEL GAISO

Em Eindhoven, na Holanda, em 1995: numa loja de roupas finas, o rosto adolescente e dentuço no telão do estádio e deitado no apartamento: aos 17 anos, salário de 1 milhão de dólares e 24 gols marcados nas primeiras 26 partidas pelo PSV

da decisão por pênaltis contra a Itália, no Rose Bowl de Los Angeles, em 17 de julho.

Ao final da Copa, Ronaldo já estava vendido ao PSV Eindhoven. Em abril de 1995, PLACAR foi à Holanda ver como era a vida do craque por lá. O texto começava assim: "Ali estava ele. Bem instalado num quarto de hotel de cinco estrelas, com todas as mordomias à mão, visto como o novo ídolo de um importante clube europeu e tendo a conta bancária abastecida por um salário de 1 milhão de dólares por ano. Para completar o cenário daquela noite, a bela namorada ao seu lado na cama. O que mais um rapaz que ainda nem completara 18 anos poderia querer? A mãe, é claro! 'Eu ouvi uns barulhos estranhos e pensei que era assombração.'".

As visitas do além logo ficaram para trás, e Ronaldo Luís Nazário de Lima já se firmara como destaque do PSV, com 24 gols nas primeiras 26 partidas disputadas pelo time. Jogou duas temporadas no futebol holandês, esteve na Olimpíada de 1996, em Atlanta, quando o Brasil conquistou a medalha de bronze, e, enfim, assinou com o Barcelona. Nas páginas (e capas) de PLACAR apareceu incontáveis vezes. Em janeiro de 1996, posou no estúdio, sem camisa, com uma projeção de notas de dólar sobre todo o corpo. E em dezembro foi novamente destaque, com uma espécie de ensaio de fotos só sobre sua famosa careca. O resto é história.

Depois de um ano na Espanha, Ronaldo ficou cinco temporadas na Internazionale, de Milão, quando ganhou o apelido de Fenômeno, mais cinco no Real Madrid e duas no Milan. Foi duas vezes eleito o melhor jogador do mundo, em 1997 e 2002. Protagonista da final da Copa de 1998, sofreu uma convulsão e, apesar de entrar em campo, nada pôde fazer para evitar a derrota por 3 a 0 para a França. Estourou os joelhos, mas, renascido, levou o Brasil ao penta de 2002, quando já o consideravam acabado para o esporte em alto nível. Foi o maior artilheiro da história das Copas, com quinze gols entre 1998 e 2006 (mais tarde superado pelo alemão Miroslav Klose, que fez dezesseis gols entre 2002 e 2014). Ronaldo jogou pela seleção até 2006. Encerrou a carreira no Corinthians. Continua famoso, muito famoso, porque nunca teve outra vida — e nem mesmo os escândalos foram capazes de diminuí-lo. ■

O URSO DE PELÚCIA E O CRAQUE INDOMÁVEL

A redação queria criar uma imagem fragilizada de Edmundo, mostrar que o goleador encrenqueiro gostava mesmo era de ser bem tratado, com carinho. No estúdio, foram feitas várias fotos inúteis, até chegar à imagem desejada, que foi recorde de vendas no ano e ficou para a história da revista.

O apelido jocoso, "Animal", foi dado pelo narrador Osmar Santos, como reconhecimento ao craque habilidoso, veloz, goleador. Contudo, por causa do comportamento explosivo de Edmundo, de bicho que invariavelmente virava fera, sinônimo de sucessivas expulsões em campo e algumas brigas de rua, a alcunha logo deixou de ser apenas um elogio, e o "animal" ganhou garras.

Em março de 1995, ao final da derrota do Palmeiras por 1 a 0 para o El Nacional, pela Copa Libertadores da América, no Equador, Edmundo foi acusado de agredir um cinegrafista e teve a prisão decretada. Alegou ter tropeçado nos fios e equipamentos, mas a defesa não colou. Foram seis dias sem sair do hotel, em Guayaquil. Naqueles dias, PLACAR preparava uma grande reformulação editorial. A revista, mensal, passaria a ter um formato um pouco maior do que o tradicional e um novo slogan: "Futebol, sexo e rock & roll". Para a primeira capa, o personagem escolhido era o camisa 7 do Verdão. O redator-chefe, Sérgio Xavier Filho, entrevistou dirigentes, jogadores, amigos de infância, professores e psicólogos para traçar o perfil do craque. Afiado, sugeriu que o título da reportagem fosse "O animal precisa de carinho". O diretor, Marcelo Duarte, gostou da ideia e decidiu transformá-la em chamada principal de capa. E emendou: "Precisamos mostrar a fragilidade desse personagem". Ao lado da diretora de arte, Lenora de Barros, e do editor de fotografia, Ricardo Corrêa, nasceu a ideia ousada: fotografar Edmundo com um ursinho de pelúcia no colo. Para a missão, foi escolhido o paulistano Bob Wolfenson, que tinha 40 anos e já era reconhecido como um dos maiores retratistas brasileiros.

Bob relembrou a PLACAR, agora, o percurso até chegar à mítica imagem. "Eu nunca sei como vai ficar a foto que vou fazer, porque um retrato obedece à natureza de um encontro entre duas pessoas, tem sempre uma dose grande de acaso envolvida. Havia um combinado prévio, sim. A pedido do pessoal da redação, queríamos tentar a imagem com o ursinho no colo. Na época, minhas filhas tinham 5 e 8 anos. Eu peguei um bichinho no quarto delas, levei para o estúdio e deixei num canto, meio escondido. Até chegar ao retrato planejado, fui usando uma técnica meio intuitiva, de pedir para ele fazer coisas meio impossíveis. Assim, eu sabia que receberíamos vários 'nãos'. Até que, diante de um pedido esquisito, mas não tão absurdo, podíamos ter um 'sim'. Foi isso: propus uma foto sem camisa, depois outra só de sunga. Até que eu falei que minha filha tinha 'esquecido' o ursinho ali. Que tal usá-lo? As fotos com o ursinho foram as últimas a ser feitas. E a revista foi um sucesso. Preciso perguntar às minhas filhas onde está esse urso. Podemos colocá-lo num leilão, para arrecadar dinheiro na luta contra a Covid-19."

> **Diz o fotógrafo Bob Wolfenson: "Fui pedindo para ele fazer coisas meio impossíveis. Sabia que receberíamos vários 'nãos'. Até que, diante de um pedido esquisito, mas não tão absurdo, podíamos ter um 'sim'."**

E para o retratado, Edmundo, como é que foi? "A gente ficou o maior tempão no estúdio. No final, o pessoal da revista falou que eu era um cara legal, gente boa, e que precisava de carinho. O ursinho ia ajudar a passar essa imagem. Fiz tranquilo, de boa." Tão de boa que, logo em seguida, ainda topou participar da campanha publicitária do lançamento da nova fase de PLACAR. A agência de Washington Olivetto havia criado um jingle, em estilo roqueiro, que dizia: "Todo animal precisa de carinho, vem cá, meu bem, me dá um beijinho". No comercial de TV, aparecia o craque palmeirense. A edição chegou às bancas em abril de 1995. Foi a recordista do ano, com 237 000 exemplares vendidos. ■

A capa de abril de 1995: a estreia de uma nova etapa de PLACAR, mais jovem, mais moderna e sobretudo iconoclasta

MEMÓRIAS DO GOL — E DA DOR — DE BARRIGA

COMENTARISTA DO FUTURO viaja no tempo até 1995, dia do Fla–Flu que decidiu o Carioca, e revê o lance histórico acompanhando, de longe, as reações dele mesmo, 25 anos mais novo

Cláudio Henrique

Não foi a primeira viagem ao passado para presenciar um jogo histórico — sempre na máquina do tempo movida a cabos e imagens em HD —, mas com certeza a mais tensa. E não falo de bola rolando! Explico: ao subir as rampas de acesso ao Maracanã — que não existem mais, vítimas da "reforma" —, eu me dei conta de que dessa vez testemunharia um momento do futebol em que estivera presente. Sim, em 1995, Fla-Flu final do Carioca, eu estava lá, na torcida tricolor. "Estava não, estou" — pensei. Teria então a chance de encontrar com o que era 25 anos atrás. Fiquei ainda mais zonzo — tipo o Charles após dançar diante do Aílton — ao lembrar que (hoje finalmente confesso!) não vi o lendário gol de Renato Gaúcho. Após o Fla fazer 2 x 2, que lhe daria o título, abandonei as arquibancadas, chorando. E agora? Devo ir até este "Eu1995" e me impedir de sair? Sob um temporal de dúvidas, além do que caiu no estádio, me aboletei num lugar de onde pudesse observar a mim mesmo e, enfim, testemunhar o lance derradeiro (3 x 2): Fluminense Campeão no ano do centenário do rival. Mas nervoso com a possibilidade de ficar frente a frente com esse Outro Eu. Vê se pode: com dor de barriga no dia do Gol de Barriga!!!

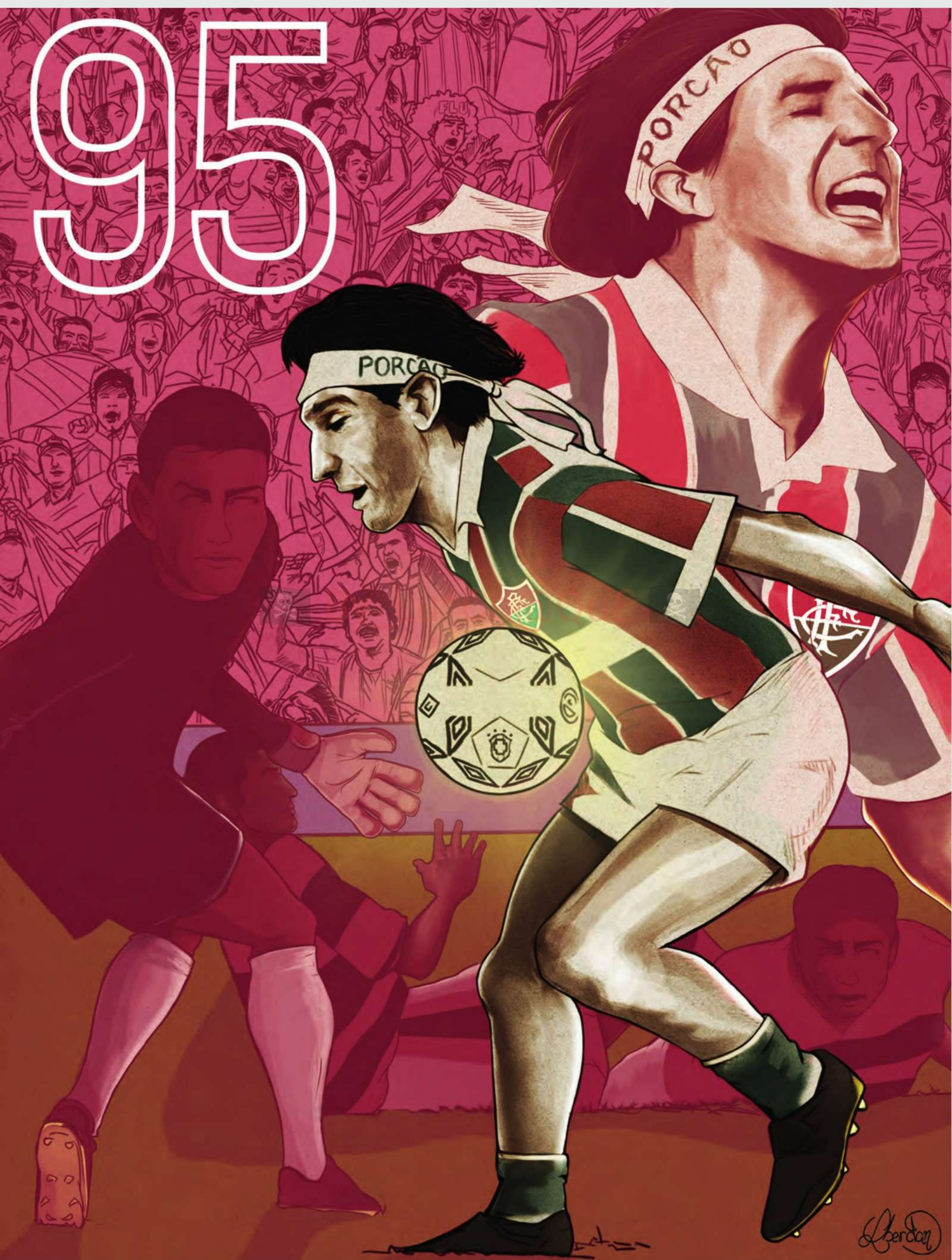
Tentando relaxar, cantarolei: "Domingo / Eu vou ao Maracanã...". Eu fui, pela segunda vez! E era "casa cheia": 112 285 pessoas pagaram os 15 reais do ingresso, segundo o "Suderj informa!". Até 2020 haverá apenas outro Fla-Flu com mais de 100 000 pessoas no Maraca. Culpa, em parte, da tal "reforma", que reduziu a capacidade do estádio para 78 838 assentos. O charmoso clássico detém a marca de maior público de um jogo de futebol no mundo: 177 656, em 15 de dezembro de 1963. São infinitas curiosidades que cercam o Fla-Flu. O Gol de Barriga, por exemplo, será eternamente creditado a Renato, mas oficialmente do meia Aílton, como registra a súmula. Vai entender...

Como toda segunda vez, o jogo foi diferente do que eu lembrava. Com o coração na mão, os olhos ficam míopes ao futebol. No primeiro tempo, só deu Flu. Aos 29 minutos, gol de Renato; aos 41, 2 x 0, Leonardo. Olho pro "Eu1995" e me vejo abraçando todos ao lado, em cima, embaixo... Viraram novos "amigos de infância". No intervalo, um deles vai sacar faixas de Fluzão — Campeão de 95 e insistir para que eu vista. Recuso, claro. Boa, C.H.!! Tu com trintinha não era tão bobo como eu pensava. O tempo também muda a memória de nós mesmos.

Emocionante também foi ver a festa na Geral, outro patrimônio do futebol derrubado pelos "picaretas" — virá daí a expressão? Por falar em destino, no intervalo um representante dos jogadores me interpela: antes de retornar a 2020, eu poderia revelar detalhes da vida deles no futuro? Olha a situação... Como dizer ao Djair que ele vai se casar com a Cristina Mortágua? Ou ao lateral Ronald que será taxista? E o que me diria Romário se eu "sugerisse" que se candidatasse a senador pelo Rio? Declino.

Foi do "Baixinho" o primeiro gol rubro-negro. Era tanto radinho de pilha no estádio que o Waldir Amaral ecoava: "O relógio marca: 26 minutos". O "indivíduo competente" registrou assim seu primeiro "peixe na rede" contra o Flu. Até 2020, serão outros vinte. Aproxima-se o segundo gol. Vou ou não vou? Preciso decidir, pois chegar até o "Eu1995" será difícil e demorado. É quando me ocorre outro clássico, do cinema: *De volta para o Futuro*. E a frase do Dr. Brown a Marty McFly: "Seu futuro será o que você quiser, faça dele algo bom". Parto decidido. Zummm! Voa uma cerveja na minha testa...

"Sai da frente, X#$%*7!" — foram muitos. Saco o Discman D-50 da Sony, que comprara ao chegar aos anos 90, e boto os phones, volume máximo. E a galera atirando coisa... Era um susto atrás do outro, mas o pior deles foi ver a multidão começar a pular alucinadamente. Arranco os phones e constato o pior: "Gollllll!!!!!", gritavam. Inacreditável! Eu havia perdido o lance de novo! O Flamengo empatara (Fabinho, aos 32'40") sem que eu percebesse (tal o clima de velório na torcida do Flu) e Renato Gaúcho já metera o barrigão — na época mais pra tanquinho. A essa altura, portanto, o "Eu1995" já estava lá fora chorando, agora de alegria, e aprendendo a ser tricolor nos bons e maus momentos. ■

95
PORCAO
FLU
PORCAO

MAIS CRIATIVA QUE A FICÇÃO

Chega ao streaming uma boa série baseada no Fifagate. Apesar de algumas liberdades no roteiro, a história mostra um lado verídico do escândalo pouco conhecido pelos brasileiros

Alexandre Salvador

Em 27 de maio completaram-se cinco anos da batida policial deflagrada no hotel cinco-estrelas Baur au Lac, em Zurique, na Suíça, onde estavam hospedados os burocratas do futebol mundial. O episódio foi o estopim do chamado Fifagate, que acabou com o reinado de dezessete anos do todo-poderoso Joseph Blatter à frente da entidade que rege o esporte mais popular (e rentável) do planeta. A operação, conduzida pelo FBI a pedido da Justiça dos Estados Unidos, colocou na cadeia alguns dos cartolas mais poderosos, entre eles o brasileiro José Maria Marin, ex-presidente da CBF — em decorrência da pandemia do novo coronavírus, Marin recebeu autorização para cumprir a pena em sua casa em São Paulo. Quem se embrenhou nas centenas de páginas do processo aberto contra trinta dirigentes de dezesseis federações internacionais reagiu quase automaticamente dizendo que a história "daria um bom filme". E deu. Acaba de chegar à plataforma Amazon Prime Video a série *El Presidente*. O personagem principal é uma figura pouco conhecida dos brasileiros: o chileno Sergio Jadue, ex-presidente da federação de futebol de seu país, a ANFP.

Jadue teve uma das ascensões mais rápidas na história da cartolagem. O então mandatário do minúsculo Unión La Calera, time de rodapé da tabela do Campeonato Chileno,

AMAZON PRIME VIDEO

ARND WIEGMANN/REUTERS

Abaixo, o cartaz de *El Presidente*. Ao lado, cena na qual Julio Grondona *(à dir., interpretado por Luis Margani)*, mandachuva do futebol argentino, senta-se junto do empresário brasileiro J. Hawilla *(Jean Pierre Noher)*. Acima, o então presidente da Fifa, Joseph Blatter: a derrocada da alta cúpula da cartolagem mundial ganha as telas

tornou-se o presidente mais jovem da federação do Chile, aos 31 anos (ele ocupou o cargo de 2011 a 2015). Turbinado por sua intuição apurada e pela ambição, logo virou parte da engrenagem corrupta que fez milionária a maior parte dos comandantes do futebol da América Latina, entre os quais os brasileiros João Havelange e Ricardo Teixeira (que, além de Marin e do empresário J. Hawilla, dono da Traffic que morreu em 2018, também são retratados em *El Presidente*). "O escândalo Fifagate é uma das situações em que a realidade é mais criativa que a ficção. Principalmente na forma como esses senhores administravam o negócio, quase que sem supervisão", disse a PLACAR o diretor da série, o argentino Armando Bó, vencedor do Oscar de melhor roteiro original por *Birdman*, de 2014. "Foi bastante desafiador encontrar o tom da série, pois a forma como eles se portavam diante dos ilícitos era ao mesmo tempo o cúmulo da corrupção e o cúmulo da normalidade."

Torcedor do Independiente de Avellaneda e fã incurável de Lionel Messi, Bó não esconde que tomou algumas liberdades para mostrar a trajetória de Jadue, bem como a investigação policial que levou à batida de 2015, em Zurique. "Está entre a sátira e a paródia", admite o diretor de *El Presidente*. Como em *Narcos*, a mistura entre verdade e fantasia funciona muito bem e a série cumpre seu papel de bom entretenimento. Mas quem busca saber como a história realmente ocorreu pode recorrer a alternativas, como o livro *Cartão Vermelho*, escrito pelo jornalista americano Ken Bensinger.

Apesar de romanceada, a colaboração do corrupto ex-presidente da ANFP com os "federais" americanos é fato incontestável e livrou Jadue da cadeia na Suíça. Em novembro daquele ano, quando ainda dirigia o futebol chileno e negava veementemente sua participação nos crimes imputados aos colegas da Conmebol, o cartola fugiu para Miami e revelou ter firmado acordo com o FBI, como também havia feito o brasileiro J. Hawilla, outro delator do Fifagate.

Embora tenha se declarado culpado das acusações de formação de quadrilha e fraude em transações bancárias, até agora Jadue não passou um dia sequer preso. O anúncio de sua sentença foi adiado mais uma vez em abril passado, e ela só deve ser pronunciada em novembro. Enquanto isso, no Chile, o cartola é acusado de outros delitos. Sua ex-mulher Maria Inés Facuse (interpretada na série pela atriz mexicana Paulina Gaitan, a mulher de Pablo Escobar em *Narcos*), que também vive nos Estados Unidos, disse recentemente que Jadue dificilmente porá novamente os pés em sua terra natal. Não há dúvida: com uma realidade tão elétrica, quem precisa de série de televisão? Mas *El Presidente* vale a pena, sim. ■

PATROCÍNIO MARAVILHA

O quadrado verde centralizado no uniforme preto e branco do Botafogo pagou por boa parte dos gols marcados pelo artilheiro Túlio, que até mudou de número para agradar à marca de bebidas

No fim de 1994, o Botafogo já atravessava a crise financeira que infelizmente se estende aos dias atuais. Sem dinheiro, o presidente do clube na ocasião, Carlos Augusto Montenegro, buscou a ajuda do amigo José Talarico, companheiro de arquibancada desde a infância e vice-presidente jurídico da PepsiCo. Talarico levou o chefe da fabricante de bebidas e alimentos no Brasil, o italiano Gianni Pierracione, ao Maracanã. O Botafogo ganhou com um gol de Túlio Maravilha, o camisa 9 do alvinegro. Pierracione, torcedor fanático da Roma, gostou do jeito canastrão do atacante no encontro que tiveram no vestiário. Estava selado o patrocínio entre o clube e a empresa.

Faltava decidir qual marca seria estampada no uniforme. Um representante do marketing da companhia queria que fosse o carro-chefe da empresa, a Pepsi. Talarico e Pierracione decidiram pela 7Up (lê-se seven up), para badalar o refrigerante de limão que acabara de ser lançado no Brasil. Seu nome também era sugestivo. "A 7 é a camisa mais emblemática no Botafogo, como a 10 é para o Santos", diz Montenegro. A diretoria tentou contratar um craque para usar o número. O tetracampeão Bebeto e Maurício, autor do gol do título do Carioca de 1989, não vieram. Edmundo quase fechou, mas acabou no Flamengo. A solução foi caseira. Túlio deixou de vestir a 9 para assumir a "herança" de Mané Garrincha e Jairzinho. Resolvida a questão, o problema passou a ser a cor da logomarca, afinal o verde remetia ao rival Fluminense. Mas o dinheiro falou mais alto. Mesmo quem não gostou da novidade mudou de ideia logo na estreia da camisa: vitória sobre o Vasco por 2 a 0 no Campeonato Carioca (com dois gols de Túlio). Depois, foi só alegria. O uniforme deu ao Botafogo o título brasileiro de 1995.

O patrocínio da PepsiCo permaneceu até 1996. Além de taça, veio junto um gole de polêmica. Como a empresa pagava diretamente os salários de Túlio, muitas vezes o camisa 7 era o único jogador do elenco a receber em dia. Mas o vínculo com a marca estava estabelecido. Thales Machado, autor do livro *O Botafogo de 95*, percebeu isso na pele. Na campanha de financiamento coletivo para viabilizar a obra, o jornalista anunciou como uma das recompensas, além do exemplar, uma lata de 7Up. "Foi a recompensa que esgotou mais rápido", diz. "Esgotou em dois dias." Tem marketing que só acontece com o Botafogo. ■

Alexandre Senechal

ARQUIVO PESSOAL

O modelo usado por Túlio Maravilha no primeiro tempo da final de 1995 foi dado de presente pelo jogador a um executivo do patrocinador

JEAN CATUFFE/GETTY IMAGES

GAZETA PRESS

O técnico no comando da seleção feminina *(à esq.)* e o time lendário liderado por Rivaldo, em 1992: discrição

A ERA DE OURO DA BOLA NO INTERIOR

O treinador Vadão inventou o "carrossel caipira" do Mogi Mirim de 1992, orquestrado por Rivaldo, e que parecia se movimentar como a Holanda de Cruyff, em 1974. Ele depois faria sucesso com a seleção feminina. Nunca teve, na verdade, o destaque merecido

O futebol sem bom humor perde a graça. Não demorou, claro, na antessala da internet, em um tempo sem memes nem YouTube, que aquele time do Mogi Mirim de 1992, que andava dando um trabalho danado às grandes equipes de São Paulo, fosse apelidado de "carrossel caipira". Era uma evidente e jocosa referência ao "carrossel holandês" de 1974, a seleção de Cruyff, Neeskens, Rensenbrink e cia., dirigida por Rinus Michels, que faria história pela movimentação em campo, a permanente troca de posições, a saída dos defensores para deixar os adversários impedidos e a pressão dos atacantes quando perdiam a bola. A "laranja mecânica", para usar outro apelido adesivo, jogava no esquema 4-3-3. O Mogi Mirim ia de 3-5-2, e como era gostoso vê-lo em campo. Era obra do treinador Oswaldo Fumeiro Alvarez, o Vadão. Os destaques do time: Rivaldo, Leto e Válber. Rivaldo, é sempre bom relembrar, foi eleito o melhor do mundo em 1999 e ajudou o Brasil a conquistar o penta em 2002. Vadão e Rivaldo — eis uma dupla que poderia figurar, fácil e injustamente, no elenco de grandes nomes que nunca tiveram seu tamanho devidamente reconhecido. Foram ambos punidos por uma qualidade e um jeito de ser que, no mundo de hoje, avesso à sensatez, soa como problema: a discrição, a modéstia, a boca calada.

Somente a muito custo, e anos mais tarde, é que Vadão admitiu enxergar o que fizera em Mogi. "Era realmente revolucionário." Foi o primeiro trabalho de sucesso do treinador que, depois, giraria pelo Brasil — em Campinas, treinou o Guarani e a Ponte Preta. Ali é conhecido como "mister Dérbi", por nunca ter perdido um clássico da cidade — conseguiu cinco vitórias (quatro pelo Guarani e uma pela Ponte) e quatro empates. Dirigiu também o Corinthians e o São Paulo — clube pelo qual lançou Kaká, em 2001, e importou Luis Fabiano, então com 20 anos, do Rennes, da França, naquele mesmo ano. Uma reportagem de PLACAR contou o que houve, nas palavras de Vadão: "Precisávamos de um jogador de área, de um goleador, e fizemos uma reunião para tratar disso. Pensamos no Viola, mas ele era inviável. Aí, tocaram no nome do Fabiano e disseram que ele estava querendo voltar para o Brasil. Eu disse: 'É ele'.".

Em 2014, Vadão daria um novo salto, convidado pela CBF a comandar a seleção feminina. Levou o time ao quarto lugar na Olimpíada de 2016, no Rio. Foi demitido, mas retornou ao cargo em 2017 — levou as brasileiras até as oitavas de final da Copa do Mundo de 2019, na França, vencidas pelos Estados Unidos de Megan Rapinoe. "Vá em paz, professor", postou Marta. Vadão morreu aos 63 anos, em São Paulo, de câncer no fígado, em 25 de maio. ■

PAULO CEZAR CAJU

OS NOSSOS GEORGES FLOYDS

O goleiro Jaguaré, do Vasco, um dos primeiros negros brasileiros a jogar na Europa, também foi espancado por policiais. Há outros casos que precisam ser lembrados

Não faz muito tempo um negro morreu por asfixia dentro de um supermercado carioca. O assassino também era um segurança branco, que também não atendeu ao apelo de pessoas ao seu redor. Qual a diferença dessa morte para a de George Floyd, em Minneapolis, nos Estados Unidos, que mobilizou quase todos os estados americanos? A do negro brasileiro também foi filmada e viralizou nas redes sociais. O triste episódio racista, a reação dos americanos e a frequentemente tímida resposta por aqui me fazem lembrar de um excelente texto do pesquisador André Felipe de Lima. Descobri, na leitura, que o goleiro Jaguaré, de cabelo pixaim, foi espancado por policiais em uma briga de bar nos anos 1940. Morreria na miséria, enterrado como indigente, em São Paulo.

Violência policial e racismo vêm de longe. Mas é fundamental nos lembrarmos desses personagens que quebraram barreiras por causa de seus talentos, como Jaguaré e Fausto, por exemplo, jogadores do Vasco que, segundo André Felipe, foram dois dos primeiros negros a jogar na Europa, mais precisamente no Barcelona. O Vasco tem uma história linda nesta luta contra o racismo. Jaguaré e Fausto também sofreram segregação na Espanha, porque não era permitido a estrangeiros jogar no país, ainda mais se fossem negros. Passaram um curto período por lá. Durante algum tempo achava que eu tivesse sido o primeiro negro a jogar no Olympique de Marseille, mas foi Jaguaré, considerado, até hoje, o maior goleiro da história do clube. Foi campeão francês e da Copa da França.

O talento obriga os racistas a rever seus conceitos. No boxe, no basquete e no jazz foi assim. O negro não quer esmola, quer apenas direito à educação. Eu, por exemplo, quando fui contratado pelo Olympique de Marseille, sabia que era uma oportunidade maravilhosa de mergulhar em uma outra cultura. No contrato constava um intérprete, mas eu o dispensei. Aprendi na marra, ouvindo noticiário e no dia a dia dos treinamentos. Já testemunhei muitas histórias de jogadores que não se adaptaram por saudade do feijão. Se os negros sabem que terão mais dificuldades neste mundo desigual, é importante não perder as oportunidades e se empenhar ao máximo. Acho um absurdo a seleção brasileira nunca ter tido um técnico negro, mas também acho que a escolha deva ser por merecimento. Muitos reclamam, porém não se preparam para isso, não se atualizam.

Não gosto da filosofia do futebol atual, mas não quero ser treinador. Os que sonham com isso precisam fazer cursos técnicos. Os salários permitem isso. Mas pensem comigo: não é um problema só do Brasil. Quantos negros treinam seleções hoje em dia? Rapidamente, só lembro de Aliou Cissé, do Senegal, e Roberto Martínez, espanhol com traços árabes. Nunca é demais insistir que a miscigenação fez um bem tremendo ao futebol. Reparem na trajetória das seleções francesa e inglesa antes e depois de terem aberto as portas para senegaleses, nigerianos, argelinos, egípcios e árabes. O futebol francês ficou mais vistoso depois da entrada de Patrick Vieira, Trezeguet, Thierry Henry, Thuram e o zagueiro Marius Trésor, meu amigo de Olympique. É bom demais ver Boateng na seleção alemã. Adoro ver Sadio Mané e Mbappé. E, mais ainda, ver uma tabela entre um alemão, um brasileiro, um japonês e um argelino. Gostei da contratação de Honda pelo Botafogo, mais por essa mistura saudável de povos do que pelo futebol que apresentará. Não vejo nenhum problema em um português comandar o Flamengo.

Que as nações se unam e enterrem de vez qualquer tipo de preconceito. Sonho mesmo, e jamais me cansarei de dar esse grito de alerta. E foi sonhando que ontem dormi, com o coração recheado de amor e esperança, ao som de Nat King Cole. *"Unforgettable, that's what you are..."* ■

O talento obriga os racistas a rever seus conceitos. No boxe, no basquete e no jazz foi assim. O negro não quer esmola, quer apenas direito à educação